

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

THAIS CAROLINE DA SILVA SOUSA

BIBLIOTERAPIA:

Estudo de revisão e comparativo da produção Brasileira e
Norte Americana

GOIÂNIA
2012

THAIS CAROLINE DA SILVA SOUSA

BIBLIOTERAPIA:

Estudo de revisão e comparativo da produção Brasileira e
Norte Americana

Monografia apresentada a Faculdade de Comunicação e
Biblioteconomia como requisito parcial para obtenção do
grau de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador (a): Prof^o Me. Rubem BorgesTeixeira Ramos
Co-orientador a: Prof^a Ma. Andrea Pereira dos Santos

GOIÂNIA
2012

S696

Sousa, Thais Caroline da Silva

Biblioterapia: estudo de revisão e comparativo da produção Brasileira e Norte americana [manuscrito] / Thais Caroline da Silva Sousa. – Goiânia: Universidade Federal de Goiás. - 2012.

63 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao curso de Biblioteconomia da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, como requisito à obtenção de título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientação: Prof^o. Me. Rubem Borges Teixeira Ramos

Co-orientação: Prof^a. Ma. Andréa Pereira dos Santos

1. Biblioterapia. 2. Leitura. 3. Leitura terapêutica. 4. Projetos de Biblioterapia. I. Título.

CDU: 615.85:028

THAIS CAROLINE DA SILVA SOUSA

BIBLIOTERAPIA:

Estudo de revisão e comparativo da produção Brasileira e
Norte Americana

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao curso de Biblioteconomia da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção de título de bacharel em Biblioteconomia. Aprovada em: _____ de _____ de _____ pela banca examinadora composta pelos seguintes profissionais:

Orientador: _____
Prof^o. Me. Rubem Borges Teixeira Ramos

Co-orientadora: _____
Prof^a. Ma. Andréa Pereira dos Santos

Membro examinador: _____
Prof^a. Dra. Maria de Fátima Garbelini

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a duas mulheres leitoras que fizeram parte da minha vida. Duas mulheres batalhadoras e mães que foram pessoas maravilhosas e que apreciavam os livros e colecionava histórias. Dedico esse trabalho a minha mãe que sempre acreditou em mim e a minha madrasta que foi e ainda é uma pessoa muito importante para mim. Essas mulheres e mães fizeram da minha existência algo a ser valorizado e apreciado.

Thais Caroline

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus graças a ele que estamos aqui. Agradeço aos meus orientadores Rubem Ramos e Andréa Teixeira pelo apoio e orientação durante esse longo período. Agradeço aos meus amigos que me apoiaram. Agradeço a minha família pelo apoio e orgulho em todas as etapas da minha vida.

Thais Caroline.

“Todas as dores podem ser suportadas se você colocá-las
em uma história ou contar uma história sobre eles”
Isak Dinesen

RESUMO

A Biblioterapia é uma prática de leitura que auxilia as pessoas a controlarem seus sentimentos e assim buscar formas para resolver seus problemas tanto de ordem psicológica quanto física. A partir dessa afirmação e sabendo da necessidade de se aprofundar nos estudos dessa área, apresentamos uma revisão de literatura sobre as práticas da Biblioterapia. Essa revisão se dá através de conceitos gerais, práticas e projetos (brasileiros e norte americanos). Dessa forma, buscou-se descrever o longo caminho das práticas de leitura no contexto geral e histórico tanto no Brasil quanto no mundo. Assim, foi possível apresentar as práticas de leitura até o momento atual e enfatizando sua importância para as propostas de Biblioterapia. A leitura terapêutica é o instrumento ideal para a prática de biblioterapia. A revisão de literatura sobre o Brasil apresentou projetos voltados à leitura de livros e outros instrumentos para a prática biblioterapêutica em pacientes/leitores em escolas, internados em hospitais, asilos etc.. Os norte americanos utilizaram a leitura terapêutica com livros. Nota-se nesse país a participação de psicólogos e psiquiatras na aplicação de projetos e não foi encontrado bibliotecário em nenhum dos casos apresentados. Percebe-se que a Biblioterapia possui resultados positivos nos dois países e que cada país possui suas particularidades no desenvolvimento de projetos. Desse modo, foi possível concluir que a prática biblioterapêutica apresentou, nos dois países, resultados positivos.

Palavras-chave: Biblioterapia. Leitura. Leitura terapêutica. Projetos de Biblioterapia.

ABSTRACT

Bibliotherapy is a practice of reading that helps people control their feelings and thus find ways to solve their problems both psychological and physical. From that statement and knowing the need for further studies in this area, we review the literature on the practice of bibliotherapy. This revision takes place through general concepts, practices and projects (Brazilians and Americans). Thus, we sought to describe the long way of reading practices in the general context and history both in Brazil and in the world. That way, was possible to present the reading practices until today and emphasizing its importance to the proposed Bibliotherapy. Reading therapy is the ideal instrument for practicing bibliotherapy. A literature review of Brazil presented projects focused on reading books and other tools for practical library in patients / readers in schools, in hospitals, nursing homes, etc. The North Americans use reading therapy with books. It's noted that country participation of psychologists and psychiatrists in the implementation of projects and librarian was not found in any of the cases presented. It's noticed that the Bibliotherapy has positive results in both countries and each country has its particularities in the development of projects. Thus, we conclude that the practical library presented positive results in both countries.

Keywords: Bibliotherapy. Reading. Reading therapy. Bibliotherapy projects.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Quadro 01	Resultado da pesquisa bibliográfica	16
Quadro 02	Conceitos e objetos	32
Quadro 03	Definições de Biblioterapia – processos terapêuticos	33
Quadro 04	Definições de Biblioterapia – processos de sociabilização	36
Quadro 05	Definições de Biblioterapia – procedimentos de agentes da Biblioterapia	36
Quadro 06	Definições de Biblioterapia – relações estabelecidas com o livro	37
Quadro 07	Tipos de Biblioterapia	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	METODOLOGIA	14
2.1	REVISÃO DE LITERATURA	14
2.2	MÉTODO DE PESQUISA	15
3	LEITURA	17
3.1	PRÁTICAS DE LEITURA	17
3.2	HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DE LEITURA PELO MUNDO	20
3.3	PRÁTICAS DE LEITURA NO BRASIL	22
4	LEITURA COMO FUNÇÃO TERAPÊUTICA	27
5	BIBLIOTERAPIA	29
5.1	HISTÓRIA DA BIBLIOTERAPIA	29
5.2	CONCEITOS DE BIBLIOTERAPIA	31
5.3	ELEMENTOS BIBLIOTERAPÊUTICOS	37
5.3.1	Catarse	37
5.3.2	Humor	38
5.3.3	Identificação	38
5.3.4	Introjeção	39
5.3.5	Projeção	39
5.3.6	Introspecção	40
5.4	TIPOS DE BIBLIOTERAPIA	40
5.4.1	Biblioterapia institucional	40
5.4.2	Biblioterapia clínica	40
5.4.3	Biblioterapia para desenvolvimento pessoal	41
5.5	BIBLIOTERAPIA COMO CAMPO DE ATUAÇÃO PARA BIBLIOTECÁRIOS	42
5.6	CRITÉRIOS PARA ELABORAÇÃO DE PROGRAMAS BIBLIOTERÁPICOS	43
6	BIBLIOTERAPIA NO BRASIL	45
6.1	PROJETOS APRESENTADOS POR REGIÕES DO PAÍS	45
6.1.1	Região Sul	45
6.1.2	Região Sudeste	49
6.1.3	Região Nordeste	50
7	BIBLIOTERAPIA NORTE AMERICANA	52
8	A PRÁTICA DA BIBLIOTERAPIA BRASILEIRA E NORTE AMERICANA: ANÁLISE COMPARATIVA	55
9	CONCLUSÃO	57
	REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

Biblioterapia é uma forma de terapia realizada através da leitura de livros e materiais afins. Seu alvo são pessoas que estejam passando por dificuldades emocionais e/ou físicas. A Biblioterapia estimula essas pessoas a resolverem seus problemas e controlar suas emoções para que possam conviver socialmente e consigo mesmo.

Na sociedade atual, diversas pessoas possuem problemas emocionais, isto pode ocorrer devido a diversos fatores, tais como estresse devido à rotina diária, traumas, depressão, entre outros. De acordo com Pereira et al. (2004), “a desestabilização de um sistema produz desequilíbrio em outros”. Dessa forma é possível compreender que o estresse, depressão e outros problemas emocionais desestabilizam o equilíbrio composto por um indivíduo. No dia 09 de outubro de 2012, véspera do Dia Mundial da Saúde Mental, a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou que existem mais de 350 milhões de pessoas que sofrem com depressão. Martins (2007) afirma que, na vida moderna, as pessoas não sabem como relaxar, pois essa realidade e o excesso de informações estão trazendo complicações a crianças, adolescentes, adultos e idosos. A autora afirma ainda que o excesso de informação pode tornar as pessoas menos produtivas, menos capazes e menos felizes. Uma forma de atrair esses males emocionais são as doenças físicas, como o câncer, dores crônicas, que atingem por ano milhares de pessoas ao redor do mundo. Esse tipo de doença desestabiliza as pessoas e as tornam acessíveis aos problemas emocionais citados. Para resolver esse impasse, é necessário que as pessoas sejam capazes de reconhecer seus próprios sentimentos e sejam também capazes de lidar com eles.

Uma forma de auxiliar no combate às patologias que atingem as pessoas é a biblioterapia, que pode ser implementada por psicólogos e/ou bibliotecários. Seitz (2006) afirma que a biblioterapia é uma forma propícia para promover prazer e conforto, contribuindo para o bem-estar físico e mental de todas as pessoas e proporcionando assim uma forma para combater os males que afligem.

Pode-se aplicar a biblioterapia como uma dinâmica que propicie a sociabilização, o conforto e a ajuda necessária para a resolução de problemas, perpassando também a aceitação da situação em que o leitor se encontra. Nesse

caso, a biblioterapia pode ser aplicada em vários segmentos, tais como asilos, orfanatos, hospitais, clínicas psiquiátricas, presídios, e outros. A biblioterapia não é restrita a uma idade específica, sendo, portanto, aplicável a crianças, jovens, adultos e idosos.

A biblioterapia é uma técnica já antiga, dado que a literatura referente ao tema existe desde a década de 1930. Porém, há indícios da aplicação da leitura terapêutica no decorrer da história desde as antigas civilizações, passando até mesmo pelos antigos gregos e romanos.

A Biblioterapia é uma ferramenta que permite as pessoas podem estabelecerem relacionamentos com a leitura, e desse modo, extrair conhecimento e estratégias para resolver seus conflitos internos e externos. Esse relacionamento pode ocorrer em diversos suportes com acesso a leitura, como livro, revistas, desenhos, músicas, histórias em quadrinhos, entre outros. Com a biblioterapia, é possível que as pessoas sejam capazes de realizar uma alteração em seu estado de humor e comportamento, pois com a leitura de obras é possível estabelecer semelhanças com personagens e com isso aprender a lidar com os problemas que as afligem.

Uma revisão de literatura referente ao tema é de suma importância para a comunidade científica, pois através da apresentação de projetos e pesquisas sobre a biblioterapia, é possível tomar conhecimento da sua eficácia contra as patologias que atingem as pessoas em geral.

A ênfase na leitura é importante, pois é por meio dela que se realiza o processo de biblioterapia. Pinto (2005), afirma que a leitura hoje possui uma visão além da decodificação de signos, ou seja, a leitura, a prática social que contempla a produção de sentidos e significados e essas concepções abre espaço para a biblioterapia.

Conforme Chartier (1999, p. 7-10), a leitura é uma prática que vivenciou mudanças no decorrer da história, desde os copistas até a revolução da escrita, com a criação da imprensa de Gutenberg. Os leitores acreditavam que as máquinas romperiam com a cumplicidade entre leitor e escritor, assim como a correção dos textos realizada pelos copistas.

A leitura é um fator muito importante para a Biblioterapia ter êxito em suas aplicações, pois com ela, torna-se possível extrair ferramentas capazes de auxiliar as pessoas na resolução de problemas causadores de transtornos psíquicos em

suas vidas. Conforme Silva e Pinheiro (2008, p.10), “a leitura pode promover mudanças significativas na vida das pessoas e, conseqüentemente no meio onde vivem.”

Como forma de contribuição e divulgação da biblioterapia, o presente trabalho pretende realizar uma revisão de literatura norte americana e brasileira, visando responder a seguinte questão: existe alguma relação entre a biblioterapia brasileira e a biblioterapia norte americana, no que diz respeito à produção bibliográfica e a difusão deste tipo de serviço entre esses dois países?

Com esse trabalho, se espera alcançar conhecimento em relação ao tema, ao se comparar aspectos, como recursos, técnicas e conceitos que abrangem a Biblioterapia. Dessa forma, será possível conhecer os aspectos da biblioterapia Norte Americana e Brasil.

No Brasil, existem estudos referentes à biblioterapia. Havendo-se ciência de alguns estudiosos como Caldin, Seitz, Ferreira, Paiva, entre outros, que realizaram projetos envolvendo práticas de biblioterapia que obtiveram resultados positivos.

Assim, objetiva-se de uma forma geral apresentar projetos e pesquisas sobre a temática Biblioterapia, no contexto Norte Americano e Brasileiro, visando comparar aspectos relacionados à teoria e a prática do processo terapêutico. Para isso, é necessário analisar os conceitos de Biblioterapia no âmbito internacional Norte Americano e Brasileiro, além de compreender as fases de planejamento de biblioterapia e por fim, comparar os estudos e práticas da biblioterapia norte americana e brasileira.

O trabalho apresentará um histórico das práticas de leitura mundiais e brasileira e sua formação de leitor ao longo do tempo. Após isso realizará uma revisão de literatura da Biblioterapia, nesse caso, apresentando conceitos, história da biblioterapia, elementos biblioterapêuticos, tipos de Biblioterapia utilizadas. O trabalho também mostrará que a Biblioterapia é um campo de atuação para bibliotecários e os critérios para a aplicação de projetos biblioterápicos. Por fim, demonstrará projetos de Biblioterapia nos âmbitos Brasil e América do Norte e realizará um comparativo dos dois países.

2 METODOLOGIA

A metodologia que norteará esse trabalho será apresentada em forma de revisão de literatura. Devido a isso, é importante demonstrar o conceito de revisão e suas particularidades. A seguir, apresenta-se a metodologia aplicada a este estudo.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

A metodologia empregada para este estudo é a revisão de literatura que abrange o tema Biblioterapia, no contexto norte americano e brasileiro, com ênfase nos estudos e projetos realizados no Brasil. Para isso, é necessário conhecer os termos método e revisão de literatura e suas funções.

Conforme Cervo et. al. (2007), “método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir certo fim ou um resultado desejado”. De acordo com Matias-Pereira (2007. P. 69), “nesta fase (método de pesquisa) da pesquisa, o pesquisador necessita definir claramente onde e como será realizada a pesquisa”. O método a ser utilizado depende do objetivo de pesquisa. E se encontra dividido em racional e científico.

Método científico segue o caminho da dúvida sistemática, metódica, que não se confunde com a dúvida universal dos céticos, cuja solução é impossível. [...] O método racional procura-se obter uma compreensão e uma visão mais ampla sobre o homem, sobre a vida, sobre o mundo, sobre o ser. Essa cosmovisão, a qual leva à investigação racional, não pode ser testada ou comprovada experimentalmente em laboratórios. (CERVO et. al, 2007, p. 28-31)

Pesquisa é uma forma de investigação de problemas teóricos ou práticos, através de processos científicos. Ela é utilizada a partir do surgimento de dúvidas ou problemas e, com a participação do método científico, busca respostas ou soluções para as mesmas.

Existem diversos tipos de pesquisa, tais como pesquisa bibliográfica ou revisão de literatura, pesquisa descritiva, pesquisa experimental, pesquisa exploratória e seminário de estudos. No caso do presente trabalho será utilizada a pesquisa bibliográfica, pois o foco do trabalho é apresentar uma revisão de literatura referente ao conceito biblioterapia e os projetos realizados com foco no Brasil e na produção Norte Americana.

Conforme Matias-Pereira (2007, p. 69), “é perceptível que a pesquisa bibliográfica não costuma oferecer dados inéditos, como a pesquisa de campo ou de laboratório”. Dessa forma, revisão de literatura ou pesquisa bibliográfica consiste em uma busca e exploração em artigos, teses, livros e dissertações sobre determinado tema. A revisão é o elemento básico para se iniciar os estudos científicos, TCC’s e monografias.

A revisão de literatura é imprescindível para a elaboração de um trabalho científico. O pesquisador deve acreditar na sua importância para a qualidade do projeto e da pesquisa e que tudo é aproveitável para os relatórios posteriores. Na elaboração do trabalho científico é preciso ter uma idéia clara do problema a ser resolvido e, para que ocorra esta clareza, a revisão de literatura é indispensável. (ECHER, 2001)

Com a revisão de literatura, é possível explorar trabalhos já realizados por diversos estudiosos e adquirir vasto conhecimento referente ao assunto pesquisado. Assim, é possível ter-se uma noção de temas ainda não abordados e com isso criar a possibilidade de um novo campo de pesquisa. É importante ressaltar que todo pesquisador ao redigir seu trabalho deve levar em consideração o embasamento teórico sobre determinado tema, determinar qual metodologia será utilizado e como o projeto deverá ser estruturado.

2.2 MÉTODO DE PESQUISA

Ao realizar a delimitação do tema de pesquisa, foi escolhido como o método de pesquisa, o estudo de revisão com aspecto racional, pois o tema busca uma compreensão do homem e seu meio de vida e visão de mundo. Procurou-se, primeiramente, explorar palavras-chaves que identificassem os trabalhos realizados referentes ao tema do trabalho em questão. No caso, buscaram-se dissertações, monografias, artigos científicos, artigos de congressos e livros em diversos bancos de dados (Scielo, Portal Capes, Brapcis, Domínio Público, Scirus), bibliotecas físicas e virtuais e Google acadêmico. Utilizaram-se os termos nacionais, como biblioterapia, leitura terapêutica, leitura, contação de histórias, biblioterapia e campo de atuação, letramento, saúde social. E, posteriormente, termos em língua inglesa, como, *bibliotherapy* e *Reading*. Assim possível identificar, por meio desses termos,

diversos trabalhos acadêmicos e científicos tais como, livros, artigos, monografias e teses, entre outros.

Como se tem a perspectiva de realizar uma revisão norte americana e brasileira buscou-se a pesquisa bibliográfica realizada primeiramente no âmbito brasileiro. É possível perceber, que mesmo com pouco conhecimento da biblioterapia no Brasil, existem diversos projetos e estudos realizados em diferentes regiões do país. Há a diversidade de cenários e públicos e, como foi verificado, sabe-se da existência de estudiosos que desenvolveram projetos e teses referentes ao campo de trabalho da biblioterapia.

Para pesquisa no âmbito internacional foram encontrados somente artigos disponíveis em bancos de dados como CAPES e Scirus. No âmbito nacional encontra-se vários trabalhos distribuídos em livros, artigos entre outros.

O quadro 01 a seguir descreve o resultado da pesquisa bibliográfica no contexto nacional:

Quadro 01 – Resultado da pesquisa bibliográfica

Pesquisa Bibliográfica	Quantidade
Livros	08
Artigos	13
Artigos de Congressos	02
Monografias	04
Teses e Dissertações	03
Projeto de pesquisa	01

Fonte: dados da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica brasileira e norte americana são de grande importância para a conclusão deste trabalho. A pesquisa foi feita no segundo semestre de 2011 e o ano de 2012 e com isso, foram encontrados os materiais que referenciam este trabalho.

3 LEITURA

Esse capítulo objetiva-se apresentar a leitura e seus conceitos que sofreram mudança ao longo do tempo, demonstrando suas práticas, sua história e sua chegada ao Brasil.

3.1 PRÁTICAS DE LEITURA

A leitura é uma prática antiga que sofreu mudanças significativas através dos tempos, por meio de leitura intensiva (leitura oral) e extensiva (leitura silenciosa). Um avanço bem notório foi realizado por Gutenberg, no qual foi possível imprimir (ou fazer grandes tiragens) as obras de maneira mais rápida e isso se tornou uma vantagem em relação aos copistas. De acordo com Chartier (p. 10, 1999), mesmo com Gutenberg, os copistas continuavam seu trabalho, com textos proibidos para a época, e permaneciam como copistas aqueles chamados *gentleman-writer*, que escreviam sem entrar na lei de mercado editorial.

A palavra ler também sofreu mudanças ao longo do tempo. Em latim, o termo *legere* deu origem à palavra, que significava colher, recolher e juntar. A leitura não está restrita somente a livros, revistas, manuais, etc. Ela permite uma visão de mundo.

A leitura possibilita prazeres, saberes, reflexões e ações. É fundamental saber realizar a leitura do mundo, do contexto vivenciado que antecede a leitura da palavra, para conciliar na vida pessoal, educacional, profissional e social. (CARVALHO et al, 2006)

Conforme o Minidicionário Aurélio (2008, p. 511), “leitura é ato ou hábito de ler. Aquilo que se lê”. É necessário conhecer o significado da palavra ler. Conforme o Minidicionário Aurélio (2008), ler significa:

Percorrer com a vista (o que está escrito), proferindo ou não as palavras, mas conhecendo-as (e interpretando-as). Ver e estudar (coisa escrita). Decifrar e interpretar o sentido de. Perceber (sinais, mensagens). Adivinhar. Captar signos ou sinais registrados em (um suporte) para recuperar as informações por eles codificadas. Copiar (informação armazenada ou externa) para a memória principal do computador, onde fica disponível para processamento. Ler em voz alta para alguém. Ser capaz de reconhecer palavras ao vê-las escritas. (p. 512)

Para se entender o processo de biblioterapia, é necessário conhecer a leitura e a realização dessa prática entre as pessoas. Conforme Martins (2006), “o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem. No entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural”.

A leitura permite uma compreensão do mundo ao nosso redor, seja através da escrita, seja a linguagem corporal, as feições das pessoas, leitura do espaço, entre outros. Não se limita somente a leitura do que está escrito em papel ou em uma tela de computador. Há todo momento, alguém está a ler algo. Conforme Carvalho et al (2006),

Pode-se ler um quadro de Da Vinci da mesma forma que se pode fazer uma leitura crítica de um filme de Fellini. Neste universo de textos – tudo é texto – independentemente do suporte em que se apresenta, o leitor infere sentidos ao que se mostra aos seus olhos.

Para entender o que é leitura, é necessário viajar e conhecer as suas práticas e história. É necessário conhecer o leitor, pois conforme Manguel (1997), “é o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento certa legibilidade possível, ou que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo”.

Manguel (1997) afirma que leitores são capazes de traduzir signos. “o astrônomo lendo um mapa de estrelas que não existem mais; o arquiteto japonês lendo a terra sobre a qual será erguida uma casa, de modo a protegê-la das forças malignas; o zoólogo lendo os rastros de animais na floresta [...]”. A leitura como produção de signos também é defendida por Chartier (2001, p. 20) “uma vez que cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria”.

A leitura é imprescindível na sociedade. Tudo ao redor pode ser lido. Uma árvore, um mapa, uma rua, uma feição. De acordo com Manguel (1997), “uma sociedade pode existir – existem muitas, de fato – sem escrever, mas nenhuma sociedade pode existir sem ler”.

A leitura pertence ao íntimo das pessoas. É nesse espaço que se encontram as interpretações das histórias lidas e uma nova perspectiva de conhecimento. Ao leitor, graças as suas interpretações, é possível criar um mundo completamente novo e próprio. É possível vivenciar o que está sendo lido, imaginar ações e sentimentos dos personagens e transferir para si os momentos vividos na história.

Perrotti (1999) divide as pessoas que lêem em duas ênfases, os ledores e os leitores. Ledores são sujeitos que se relacionam mecanicamente com a linguagem, sem retirar as significações, sem internalizar e interpretar as ações e situações ocorridas na leitura. Leitores são aqueles que buscam sentidos e saberes, pois reconhecem a linguagem como fonte de interpretação de signos da qual possam extrair momentos de prazer e conhecimento.

Na sociedade atual, a indústria do livro cresce a cada momento e, nesse capitalismo constante, o foco é produzir livros para os ledores, esquecendo que o principal objetivo dos livros seria o de transferir para seu leitor suas mensagens. Perrotti (1999) enfatiza essa questão:

A lógica de nossas sociedades tende a conferir a atenção especial aos ledores, deixando margem mínima para os leitores e suas dificuldades. Um só exemplo: se há cada vez mais livros no mercado, de outro lado, há cada vez menos condições de exercitarmos leituras reflexivas, aquelas que exigem forte concentração, que demandam tempo, anotações, perguntas a outros autores, a outros leitores, que conduzem a releituras, ao estudo de pequenos trechos, a embates profundos e intensos entre texto e leitor.

Para a formação de leitor, o principal objeto de utilização é o livro, pois é sua característica e o acesso à informação, ao conhecimento, a mensagens e ao aprendizado. Devido a isso, cada livro possui a sua história e o autor, com suas palavras, tenta transferir seus sentimentos e conhecimentos para o leitor. Como afirma Manguel (1997), “um livro traz a sua própria história ao leitor”.

As práticas de leitura e a definição de Perrotti de leitor e ledor são de suma importância para a formação do leitor. A conceituação de ler e leitura nos mostra como a sua prática é simples e de grande aprendizado do mundo que cerca as pessoas. Nesse caso, a busca seria pelo leitor que retira de suas leituras o significado, os saberes e a interpretação. Para a formação do leitor, Chartier e Lajolo apresentam conceituação e práticas que definem melhor a história da leitura.

3.2 HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DE LEITURA PELO MUNDO

Chartier (2001, p. 79) analisou o processo histórico da leitura e percebeu que as pessoas eram consideradas leitoras na sociedade de acordo com as assinaturas de atas de casamento, pois ao contar as assinaturas da ata, acreditavam ter identificado a porcentagem da população alfabetizada que estava apta a ler e escrever, em relação aos grupos que sabiam assinar. Afirma que a equivalência de pessoas que sabiam ler e escrever era bem maior, revisão essa realizada no Antigo Regime¹ durante o século XIX. Assim, todos os assinantes podem ler, porém nem todos que sabem ler podem assinar.

De acordo com Chartier (2001, p.79;80) no século XVII, foi levantado pela Inglaterra um estudo de diários autobiográficos dos puritanos², que relatavam os acontecimentos da época. Com a leitura desses diários foi possível perceber que o aprendizado da leitura era feita antes da criança completar sete anos, de acordo com os ensinamentos da mãe, de alguma mulher ou pastor que também trabalhava como pedagogo. De outra maneira, a leitura era realizada somente no oitavo ano, na *grammar school*, onde se aprimorava também a escrita.

Na idade entre sete e oito anos, os meninos de condição social mais pobre começavam a trabalhar para ajudar no sustento da família e sua economia. Nesse caso, a confirmação de leitores potenciais é bem maior que a de assinantes, pois de acordo com Chartier (2001, p. 80), “os textos confirmam que a assinatura pertence ao aprendizado da escrita, iniciada somente na idade em que um grande número de leitores já começaram a trabalhar.

Conforme Chartier (2001, p. 81) no Antigo Regime, as mulheres ficavam restritas somente a leitura como educação. Como exemplo, a *Escola de Mulheres*³, que ensinava as práticas do casamento e os deveres da mulher casada. No século XVII, os trabalhadores ingleses enviavam seus filhos para as *grammar schools*, onde

¹ Antigo Regime refere-se à situação social e política da Europa antes da revolução francesa de 1789. O Antigo Regime foi marcado por freqüentes crises de subsistência acompanhadas de fortes epidemias. TEMÁTICA Barsa: História. 2005 Rio de Janeiro: Barsa Planeta, 333 p.

² Puritano: Deveria ser realmente aquele que é puro, íntegro e que segue integralmente os ensinamentos da bíblia. Disponível em:< <http://www.dicionarioinformal.com.br/puritano/>> Acesso: jan. 2013.

³ Escola de Mulheres: até o presente momento não foi encontrado a definição para esse termo. Em busca, foi encontrado somente o Teatro Escola de Mulheres que não se qualifica ao contexto inserido nesse trabalho.

eles aprendiam a escrever. Porém, suas filhas eram encaminhadas para as instituições voltadas para as moças, no qual eram ensinadas a ler, costurar e fiar. Assim, não é possível descartar as mulheres como leitoras potenciais da sociedade, a partir do cálculo das assinaturas.

Chartier (2001, p. 82), distingue a leitura silenciosa e oral. A primeira é a passagem dos olhos sobre o escrito. A segunda necessita da voz alta ou baixa. Nesse período, século IX-XI, houve uma passagem da leitura oral para a silenciosa quando os *scriptoria* monásticos abandonaram a leitura e as cópias oralizadas, no século XIII a leitura em silêncio era realizada em sua maioria pelos universitários. Somente na metade do século XIV a leitura em silêncio atinge as aristocracias laicas. E assim, uma nova relação com o livro, no qual se pode estabelecer uma relação individual e íntima.

Na Alemanha do século XVIII e na Nova Inglaterra na primeira metade do século XIX, ocorreu um processo de passagem de uma leitura intensiva (leitura tradicional) para uma leitura extensiva. De acordo com Chartier (2001, p. 86), a leitura intensiva tinha por característica um número pequeno de livros (a Bíblia, almanaques, obras de piedade, Biblioteca Azul⁴, entre outras), que seriam lidos e relidos em voz alta, sendo transmitidos por gerações a fio. A leitura extensiva é a leitura de numerosos livros, textos e afins. Mas, diferentemente da leitura intensiva, essa nova forma possui uma relação de intimidade com o leitor, sendo individual e silenciosa. Conforme Chartier (2001, p. 86), “é também uma leitura laicizada, porque as ocasiões de ler se emancipam das celebrações religiosas, eclesiásticas ou familiares e porque se espalha um contato desenvolvido com o impresso, que passa de um texto a outro”.

Com o acesso a leitura e as suas práticas oral e silenciosas, percebe-se que a formação de leitor ao longo dos séculos foi de grande importância para as crianças, que começavam a trabalhar para ajudar no sustento da casa, populares e mulheres, pois cada um deles permitiram um aprendizado que possibilitou mudanças da forma de leitura da sociedade, permitindo também que a leitura ultrapassasse as barreiras, chegando assim, em outros países, como é o caso do Brasil.

⁴ Biblioteca Azul era uma coleção de livros, impressos na França do século XVI, organizados para facilitar o acesso à leitura de clássicos da literatura não acessíveis ao grande público.

3.3 PRÁTICAS DE LEITURA NO BRASIL

No Brasil, a leitura sofreu com avanços tardios em relação aos países europeus. Conforme Lajolo e Zilberman (p. 14 e 18, 1996) só por volta de 1840, no Rio de Janeiro (sede da monarquia), pois chegava ao Brasil nesse período indícios do capitalismo e a indústria do livro permeia a condição de que o livro era um produto. O fato de o mercado editorial no Brasil ser escasso nesse período é devido a quantidade de analfabetos que contava com mais de 70% da população, além dos problemas com a economia, escravos e a falta de editores. Desse modo, os livros eram trazidos do exterior e traduzidos para o português, pois a pouca produção nacional permitia esse acesso, porém o preço dos livros eram muito alto. Os autores da época, como Joaquim Manuel de Macedo, buscavam seduzir seu público leitor e garantir seu espaço. Na atualidade, as editoras e os autores inclusos na indústria editorial, buscam formas de seduzirem seu público e também garantir seu espaço.

Os autores do Romantismo brasileiro acreditavam que seus leitores brasileiros não tinham a capacidade de entendimento de suas obras. Exemplo disso, o Romancista Manuel Antônio de Almeida, sentia a liberdade de afirmar que sua obra fosse de difícil leitura. Devido a isso, se permitia no direito de “conduzir o leitor pela mão”. (LAJOLO & ZILBERMAN, p. 19, 1996). Assim, conforme Lajolo & Zilberman (1996), o autor Manuel Antônio de Almeida buscava estratégias para ensinar o leitor e mantê-lo atento. Então, na abertura do parágrafo de sua obra, recapitula o que foi lido e continua com a história, e/ou também explica a introdução de novos personagens.

Outro fato freqüente nessa época, na formação de leitores brasileiros, é a preocupação dos autores em relação à reação de seus leitores as suas obras. Devido a isso, realizavam uma simulação para descobrir o grau de aprendizagem e entendimento da história. Conforme Lajolo e Zilberman (1996, p.19), os autores simulavam as reações do leitor e procuravam legitimá-las, dando-lhe razão, sugerindo indiretamente sua competência e, às vezes, até mesmo superioridade. Dessa forma, utilizavam a estratégia de que o leitor já havia adivinhado o que estaria acontecendo nas histórias de suas obras, pois seriam bastante perspicazes para a compreensão do que se passava e assim retirar suas próprias conclusões. Essas

estratégias tinham o objetivo de manter o foco do leitor, porém não era possível garantir a fidelidade de leitura.

Assim, continua Lajolo e Zilberman (1996), a técnica aplicada ao folhetim foi aceita na sociedade e foi mantida no período do Romantismo, ressurgindo com os contos de Machado de Assis. Esse autor foi considerado um narrador que mantinha uma relação de intimidade com o leitor. Com o folhetim, Machado de Assis estabelece uma relação narrador-leitor, que tem por objetivo tornar a leitura mais liberal. Dessa forma, é possível tratar o destinatário com maturidade de forma a agradá-lo.

Com a leitura no período do romantismo em relação narrador - leitor, conforme Lajolo e Zilberman (1996, p. 22-23), “ambos têm acesso a informações de maneira inalcançáveis”.

Os autores desse período utilizaram recursos para seduzir o leitor, estabelecendo cumplicidade e diálogos. De acordo com Lajolo e Zilberman (1996, p. 23), “O narrador chama a atenção para as virtudes do interlocutor, cujas inteligência e sensibilidade seguidamente celebra, o que transforma o leitor em pessoa arguta e capaz”. Dessa forma, é possível que esse leitor possa acompanhar a história e refletir sobre o que ela diz.

Outro fator importante desse período é a relação de leitura estabelecida por leitor e leitor a partir das representações das obras analisadas. Nesse caso, conforme Lajolo e Zilberman (1996, p. 23), “a partir da representação de situações de leitura domésticas e coletivas”. Machado de Assis, com a obra “*A mão e a luva*”, é um exemplo das cenas de leitura em grupo, leitura oral e silenciosa, que atraíam uma platéia com leitores interessados na história.

O leitor brasileiro e as obras eram analisados de acordo com o cenário político da época. No caso dos autores, suas obras agiam de acordo com a situação do país e a leitura era então marcada por esse fato. Um dos momentos marcantes que interferiu no processo de leitura e literatura no Brasil foi o aparecimento tardio da imprensa, que ocorreu somente no século XIX. Afirma Lajolo e Zilberman (1996, p. 64), “as dificuldades técnicas, contudo, não eram o problema maior. Pior era o fato de a população, até o final do século XIX, contar com mais de 70% de analfabetos”. Esse fato foi sempre alertados pelos intelectuais Machado de Assis e José Veríssimo.

Afirma Lajolo e Zilberman (1996, p. 64), “o Brasil vegeta intelectualmente, carente de imprensa e livrarias”. O atraso no avanço intelectual do Brasil, até o final do século XIX, ocorreu devido a fatores como grande maioria da população ainda ser então analfabeta, a permanência da escravidão negra, o grande número de negros analfabetos e o fator de violenta clivagem social entre os brancos.

Segundo Lajolo e Zilberman (1996), no século XIX surgiu no Rio de Janeiro a Impressão Régia e as tipografias. Logo após, apareceram os editores Laemmert, Garnier e outros que foram preenchendo as lacunas do atraso tipográfico. Após isso, chegaram os livreiros como Paulo Martim e Manuel Jorge da Silva, Evaristo da Veiga e Mongie, Paula Brito e Garnier. Mas, com o aparecimento dos livreiros, vieram reclamações acerca do preço muito alto dos livros. Isso porque os livros eram importados ou porque a produção no Brasil ainda era pequena.

De acordo com Lajolo e Zilberman (1996, p. 154) com o fim do século XIX, o Estado ainda mantinha o sistema editorial, que se dedicava exclusivamente a obras para educação do povo brasileiro, como o livro didático, mesmo com a oportunidade de alimentar um mercado que recebia concorrentes estrangeiros. Esse modelo educacional era contraditório ao capitalismo do país. Com a instauração da República, algumas mudanças nesse sistema foram realizadas, dentre as quais merecem destaque as formas educacionais. Em 1890, criou-se a Secretaria de Estado dos Negócios da Instrução Pública, juntamente com o Serviço de Correios e Telégrafos. Conforme Lajolo e Zilberman (1996, p. 154), “empreendeu-se a reforma da instrução pública, desde a primária e secundária, no Distrito Federal, até o ensino superior, artístico e técnico, em todo o território brasileiro”.

Porém, todas essas mudanças sofreram reajuste, pois conforme Lajolo e Zilberman (1996, p. 154-155), “o primeiro titular da pasta da Educação renunciou logo após ter assumido; em 1892, a Instrução Pública é transferida para o Ministério do Interior e Justiça, e novas mudanças só vão ocorrer a partir de 1930”. Nesse período de intervalo, os problemas continuavam como o livro didático, com literatura atrasada e também a carência de salas de aula.

Afirma Lajolo e Zilberman (1996, p. 156) no século XX, o governo cooperou com autores e casos específicos em relação ao livro didático e educação. Porém, deixou de lado o problema geral e não programou uma política eficiente, situação que perdurou até 1930. Esse período foi de várias mudanças políticas, culminando na criação do Ministério de Educação, que implantou novas medidas

para organizar a educação e o livro didático e implementou uma nova forma de ensino, principalmente ao da leitura e literatura.

Com esse novo programa, Machado de Assis ganhou notoriedade no ensino das escolas, pois em sua obra *Quincas Borba*, o protagonista Rubião era um exemplo para as vivências na escola. Conforme explica Lajolo e Zilberman (1996, p. 156), “do ponto de vista dos pequenos estudantes, as cenas machadianas compõem um painel lúgubre de uma escola impiedosa e severa, tormento dos alunos, sempre temerosos das surras que os mestres poderiam lhes aplicar”.

Continua Lajolo e Zilberman (1996, p. 157) com esse programa alguns estudiosos como Abílio César Borges e Aquiles Porto Alegre deram depoimentos referentes à educação rígida imposta pelos professores. Abílio reforçava que a escola era uma miniatura da sociedade e Aquiles reforçava que o professor castigava somente aqueles alunos que atrapalhavam a aula e o rendimento do ensino. Nesse caso, não se diferenciava alunos de classes sociais distintas, todos são castigados igualmente. José Lins do Rego sofreu nos primórdios da sua educação com professor despreparado e devido a isso sua escolarização foi precária e difícil de aprender.

Afirma Lajolo e Zilberman (1996, p. 162) nessa época, o ensino era deficiente. A deficiência da educação brasileira não era somente dos livros didáticos, mas também de professores despreparados, que não se preocupavam em formar leitores.

De acordo com Lajolo & Zilberman (p. 183, 1996), uma forma de sanar os problemas de livros didáticos, além das traduções de livros necessários, era a importação deles vindo de Portugal. Essa medida resolveu o problema de material didático, porém, criou outro. Os nacionalistas afirmaram que esse material importado era inadequado para a juventude brasileira. Diziam que o Brasil era uma reserva de mercado para os livros portugueses. Dessa forma, os autores brasileiros manifestavam uma forma de promoção de seu produto.

Como era esperada, a manifestação não deu muito resultado. Afirma Lajolo & Zilberman (p. 183, 1996), “os compêndios portugueses ignoram a Independência de 22, bem como o ferrenho nacionalismo do século XIX e continuam impávidos, circulando pela escola brasileira”. Continua Lajolo e Zilberman (1996, p. 183) os livros didáticos só se tornaram brasileiros no final do século XIX, juntamente com a nacionalização do livro para crianças. José Veríssimo criticava a importação

de livros estrangeiros para a educação dos brasileiros. Ele afirmava que sua educação se deu através de livros estrangeiros, no caso, os portugueses. Esses livros eram alheios ao Brasil.

Conforme Lajolo e Zilberman (1996, p. 194) com essa premissa de que o livro português era inadequado à educação dos brasileiros, estes tentavam alavancar o mercado brasileiro com obras locais destinadas a educação. Os autores brasileiros tiveram papel essencial nesse caminho, destacavam-se Raul Pompéia com o Ateneu, Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro com 1860 Episódios da história pátria contados à infância.

Atualmente o mercado editorial brasileiro cresce a cada momento. De acordo com Cassiano (2005), o Brasil é o país, mais ativo da América do Sul e ainda faz parcerias com editora multinacionais. Conforme afirma Cassiano (p. 299, 2005), “na última década do século XX, boa parte das editoras brasileiras que, recorrentemente, dominavam o setor de livros didáticos no Brasil, foi vendida para grandes multinacionais”.

Percebe-se a luta para a criação do mercado editorial no Brasil, devido a fatores como boa qualidade de ensino e preços altos de livros estrangeiros, só aconteceu durante os séculos XIX e início do século XX, e que foi essencial para a época. Porém, atualmente, essa luta retrocedeu e o Brasil está novamente buscando o mercado internacional.

Outro fato importante a ser mencionado era a luta dos autores do século XIX para criar um leitor exemplar e que atualmente, conforme Perrotti (1999, p. 27;28), “se há cada vez mais livros no mercado, de outro lado, há cada vez menos condições de exercitarmos leituras reflexivas”.

A formação de leitores no Brasil exerceu um caminho longo e com grandes obstáculos, pouco avanço na economia, escravidão, analfabetismo, preços altos de livros, entre outros. Ocorreram várias mudanças, com a ajuda de notáveis autores da época, como Machado de Assis, que foi essencial para a formação do leitor. Todo esse caminho se deu por fim ao mercado editorial brasileiro que hoje formou alianças com mercado exterior.

A leitura nesse período foi importante para o avanço da sociedade e contribui até hoje para a formação de leitores. Por fim, a leitura é capaz de transportar a mente de seu leitor e contribuir para melhora e mudanças nas emoções das pessoas.

4 LEITURA COMO FUNÇÃO TERAPÊUTICA

A leitura também está presente no contexto terapêutico, conforme Caldin (2001) “a função terapêutica da leitura admite a possibilidade de a literatura proporcionar a pacificação das emoções”. A leitura de histórias propicia ao leitor extrair emoções reprimidas e incentiva a resolução de problemas. A leitura através de textos literários é capaz de se tornar curativa e alterar o estado psíquico do leitor, de forma a amenizar os sofrimentos e transtornos.

É possível verificar que a leitura dirigida possui um caráter terapêutico e tal ação possui o nome de biblioterapia. Assim afirma Caldin (2001), ao demonstrar como a leitura por meio da biblioterapia é capaz de produzir no seu leitor:

A leitura implica uma interpretação – que é em si mesma uma terapia, posto que evoca a idéia de liberdade – pois permite a atribuição de vários sentidos ao texto. O leitor rejeita o que lhe desgosta e valoriza o que lhe apraz, dando vida e movimento às palavras, numa contestação ao caminho já traçado e numa busca de novos caminhos. A biblioterapia contempla não apenas a leitura, mas também o comentário que lhe é adicional. Assim, as palavras se seguem umas às outras – texto escrito e oralidade, o dito e o desdito, a afirmação e a negação, o fazer e o desfazer, o ler e o falar – em uma imbricação que conduz à reflexão, ao encontro das múltiplas verdades, em que o curar se configura como o abrir-se a uma outra dimensão.

Ferreira (2003) aponta as diversas formas com que a leitura, como função terapêutica, foi utilizada antigamente. No antigo Egito, o Faraó Ramsés II, colocou no frontispício⁵ de sua biblioteca a frase “Remédios para a alma”, e as bibliotecas estavam localizadas em templos denominados “casas de vida”. O romano Aulus Cornelius Celsus utilizou a leitura como procedimento médico, recomendando a leitura e discussão de obras de grandes da época para gerar o lado crítico de seus pacientes. A biblioteca de Abadia de São Gall tinha disposta a seguinte frase “tesouro dos remédios da alma”. Os gregos utilizaram a leitura de livros como tratamento médico e espiritual e denominaram as bibliotecas como “a medicina da alma”.

⁵ Frontispício: fachada principal; Rosto, face; Portada. (MINIAURÉLIO, p. 420, 2008) FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba - PR: Positivo, 2008.

Como é possível verificar, a leitura como função terapêutica é muito antiga e foi utilizada por diversos personagens da história. Nesse caso, apontou-se como essa terapia é uma forma de defender e curar as pessoas dos males dispostos na sociedade. É importante trazer para a sociedade atual essa terapia já utilizada antigamente de forma que seja possível propiciar a cura de algumas patologias e a capacidade de gerar pensamentos críticos.

Com a utilização da leitura como processo biblioterapêutico, é possível que as pessoas enfermas (devido a problemas mentais e/ou físicos) consigam extrair dos momentos de leitura dirigida maneiras de resolverem seus problemas e melhorar sua condição de vida com histórias cativantes e de superação.

Os leitores inseridos na terapia buscariam, por assim dizer, identificação com personagens e com as histórias lidas, suas características e semelhanças, podendo então extrair formas para a resolução de problemas internos e externos, que afetam a rotina do dia a dia. Dessa forma, o resultado desse processo biblioterapêutico tende a ser positivo e recompensador para o leitor.

Com a biblioterapia, é possível que o leitor realize um diálogo com o autor da história e mergulhe em um universo com possibilidades que permitem uma mudança de espírito. Conforme Caldin (2009, p. 116 *apud* Iser, 1999, v. 2, p. 10), “o autor e o leitor participam, portanto de um jogo de fantasia; jogo que sequer se iniciaria se o texto pretendesse ser algo mais do que uma regra de jogo”. Dessa forma, a leitura se torna prazerosa e permite ao leitor um tratamento terapêutico da situação em que se encontra.

5 BIBLIOTERAPIA

Esse tópico irá abordar a história da biblioterapia e seus conceitos e um campo de atuação para bibliotecários e apresentará os tipos de biblioterapia utilizados e critérios para a elaboração de projetos.

5.1 HISTÓRIA DA BIBLIOTERAPIA

Afirma Pereira (1996, p. 47), biblioterapia é uma palavra oriunda do grego. “*Biblion*”, significa livro e “*Therapia*” significa tratamento. Pereira afirma que os estudos mais recentes considera *Samuel Mechord Grothers* como o precursor da palavra em 1916 em um artigo publicado no *Atlantic Monthly*.

Houveram muitos problemas acerca da terminologia, pois muitos estudiosos não aceitaram o termo biblioterapia afirmando que essa terminologia era muito ampla. Dessa forma, surgiram diversos termos, como *biblio – diagnóstico para avaliação*, ou *bibliofilaxia* como o uso preventivo pela leitura, *bibliogomia* e também *Terapia Bibliotecária*.

Conforme Pereira (1996, p. 47), “os termos tem aplicações mais amplas porque não são limitados pela palavra Terapia. *Terapia de grupo tutelada* e *Literapia* tem também sido usadas para evitar o prefixo *Biblio*”.

Literapia é formado por literatura e terapia, termo apresentado pelo Dr. Michael Shiyo. Apresentando diferenças do popular Biblioterapia. Até o momento, Literapia foi considerado o termo mais adequado, pois enfatizou a literatura “imaginativa, mais do que simplesmente um estudo didático, informativa e também apresentar a literapia como BONA FIDE⁶, método de primeira qualidade da psicoterapia”. (PEREIRA, 1996, p. 47)

De acordo com Pereira (1996, p. 48), “outro termo relacionado de perto a Biblioterapia é *Bibliotecário – Conselheiro*”. Em 1951, a University of Illinois – Department of *Library Instruction and Advisement* planejou implantar um projeto que continha a educação geral, instrução de biblioteca e um conselho estudantil. Dessa

⁶ BONA FIDE - De boa fé. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/bonafide/>> Acesso em: jan. 2013.

forma, escolheram quatro bibliotecários para se tornarem *Bibliotecários Conselheiros*.

Esses bibliotecários receberam treinamento para incentivar as pessoas a a auto-aplicação de livros. O aconselhamento tinha por objetivo a transmissão da informação e a solução de problemas mais ou menos imediatos. Pereira (1996, p. 48) afirma que, “o trabalho de aconselhamento dos leitores e da Biblioterapia, com as atenções voltadas para as necessidades dos indivíduos, geralmente aproxima-se do aconselhamento psicológico”.

Afirma Pereira (1996, p. 48), “Rubaikin, um escritor russo, criou uma teoria de leitura que chamou de Bibliopsicologia, formulada em 1916; publicou em dois volumes: Introdução à Bibliopsicologia, em 1922”. Rubaikin possuía o Instituto de Bibliopsicologia que mudou de localidade, passando de Genova para Lausanne. O escritor escreveu cerca de 70 artigos referentes ao seu estudo sobre Bibliopsicologia.

Rubaikin afirmava que o livro é o material-objeto. E quando o livro é lido ocorre um fenômeno psicológico, que se baseia nas impressões que os leitores retiram do texto. Afirma que é o leitor quem interpreta e o livro não passa de um instrumento. Com o passar do tempo a biblioterapia implementou outros suportes de leitura como, filmes, teatros, desenhos, músicas, entre outros.

A Biblioterapia é um termo vago, que gerou reclamações e criações de outras terminologias. Devido a isso, a maioria dos termos gerados foram aplicados em novos campos da psicologia e psiquiatria. Conforme Pereira (1996, p. 49), “o prefixo Biblio também é muito limitado nos dias atuais. Todos os tipos de material audiovisual poderiam e deveriam ser usados”. Na atualidade, projetos já utilizam materiais audiovisuais como parte da biblioterapia. Utilizam filmes, músicas, teatro, entre outros. Trata-se de uma forma de conseguir manter a atenção do público-alvo. Ainda conforme Pereira (1996, p. 49), “o sufixo terapia também parece a escolha errada num tempo em que técnicas de terapia estão proliferando”. Conforme a autora, a palavra terapia possui significado de cura. Porém, a Biblioterapia não se restringe a cura, afirma Pereira (1996, p. 49), “mas também como uma descoberta do sentido verdadeiro do mundo”. A Biblioterapia se aplica a uma mudança no comportamento, de modo a amenizar e controlar problemas e abrir caminhos para a resolução de problemas que interferem na vida das pessoas. Mesmo com todas as

críticas sobre a palavra Biblioterapia, ela ainda é utilizada, pois ainda não se tem uma palavra perfeita para substituí-la.

Continua Pereira (1996, p. 54) a Biblioterapia da década de 1930 era realizada em hospitais psiquiátricos, pois era necessário que os pacientes se informassem sobre as suas doenças. Os instrumentos utilizados na terapia era a leitura didática utilizada por médicos e bibliotecários. Atualmente, a Biblioterapia atingiu várias pessoas em diversos contextos, e diversos instrumentos que acompanham a leitura.

Durante esse período de discussão referente ao melhor termo que se adéqua a terapia através da leitura, surgiram estudiosos que contribuíram para a literatura referente à Biblioterapia, pois esse termo foi escolhido e ainda é utilizado nos dias atuais. A importância de uma revisão de literatura nesse campo é fundamental para instruir e adquirir novos estudiosos para o campo de grande importância que é a Biblioterapia.

5.2 CONCEITOS DE BIBLIOTERAPIA

A biblioterapia, como muitos autores afirmam, é um processo terapêutico através da leitura, que propicia um alívio ao sofrimento das pessoas. Para Ouaknin (1996), “a biblioterapia é o uso dos materiais de leitura selecionados como auxiliares terapêuticos em medicina e psiquiatria. É também o auxílio na solução de problemas por meio de leitura dirigida”.

Para Caroline Shrodes (1943), “biblioterapia é um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo”. Assim, é possível que o próprio leitor se identifique com os personagens da história lida e possa adquirir um estímulo para solucionar seus problemas pessoais.

Para Paiva (2008), “é um processo interativo que se utiliza de leitura e de outras atividades lúdicas como coadjuvantes, inclusive em tratamentos de pessoas acometidas por doenças físicas e mentais. Pode ser aplicada na educação, na saúde e reabilitação de indivíduos em diversas faixas etárias”.

Conforme Pereira (1996, p. 52), “no dicionário Dorland’s Illustrated Medicinal dictionary em 1941, a biblioterapia foi definida como “emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais”.

Como se pode ver, a biblioterapia possui vários conceitos e, até o momento, não se tem um em definitivo. Percebe-se que esse processo de terapia pode ser aplicado a qualquer pessoa que esteja passando por dificuldades. Pode ser trabalhado com crianças, adolescentes, adultos e idosos que estejam inseridos em vários contextos diferentes.

Rosa (2006, p. 17-19) organizou os principais conceitos e objetivos da biblioterapia. Em ordem cronológica dos registros literários, apresentam-se no quadro 02:

Quadro 02 – Conceitos e objetos

	Conceito de Biblioterapia	Objetivos da biblioterapia
Alice Bryan	É a prescrição de materiais de leitura que auxiliem a desenvolver maturidade e nutram e mantenham a saúde mental.	Permitir ao leitor verificar que há mais de uma solução para seu problema; auxiliar o leitor a pensar na experiência vicária em termos humanos e não materiais; proporcionar informações necessárias para a solução dos problemas, e, encorajar o leitor a encarar sua situação de forma realista de forma a conduzir à ação.
L. H. Twelfort	É um método subsidiário da psicoterapia; um auxílio no tratamento que através da leitura, busca a aquisição de um conhecimento melhor de si mesmo e das reações dos outros, resultando em um melhor ajustamento à vida.	Fazer a introspecção para o crescimento emocional; melhorar o entendimento das emoções; verbalizar e exteriorizar os problemas; ver objetivamente os problemas, afastar a sensação de isolamento; verificar falhas alheias semelhantes às suas; aferir valores; realizar movimentos criativos e estimular novos interesses.
Kenneth Appel	É o uso de livros, artigos e panfletos como coadjuvantes no tratamento psiquiátrico.	Adquirir informação sobre a psicologia e a fisiologia do comportamento humano; capacitar o indivíduo a se conhecer melhor; criar interesse em algo exterior ao indivíduo; proporcionar a familiarização com a realidade externa; provocar a liberação dos processos inconscientes; oferecer a oportunidade de identificação e compensação; clarificar as dificuldades individuais; realizar as experiências do outro para obter a cura e auxiliar o indivíduo a viver mais efetivamente.
Louise Rosenblatt	É uma ajuda para o ajustamento social e pessoal; a literatura imaginativa é útil para ajustar o indivíduo tanto em relação aos seus conflitos íntimos como em conflitos com outros. Como o pensamento e sentimento estão interligados, o processo	Divide os objetivos em de cura e de prevenção. Objetivos de cura: aumentar a sensibilidade social; ajudar o indivíduo a se libertar dos medos e das obsessões de culpa; proporcionar a sublimação por meio da catarse, e, levar o ser humano a um entendimento de suas reações emocionais. Objetivos de prevenção: prevenir o crescimento de tendências neuróticas e, conduzir a uma melhor administração dos conflitos.

	de pensamento reflexivo estimulado pela leitura é um prelúdio para a ação.	
Orsini	É uma técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias e de problemas pessoais.	Classifica os objetivos como sendo de: nível intelectual, nível social, nível emocional e nível comportamental. Assim, a biblioterapia tem como objetivos: auxiliar o autoconhecimento pela reflexão, reforçar padrões sociais desejáveis, proporcionar desenvolvimento emocional pelas experiências vicárias e auxiliar na mudança de comportamento.
Mattews e Lonsdale	Constitui-se em uma terapia de leitura imaginativa, que compreende a identificação com uma personagem, a projeção, a introspecção e a catarse.	Distinguiram três tipos a terapia de leitura: a de crescimento, a factual e a imaginativa. Assim, os objetivos são: divertir e educar (crescimento), informar e preparar o paciente para o tratamento hospitalar (factual) explorar os sentimentos e tratar os problemas emocionais (imaginativa).
Caldin	É a leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios.	Proporcionar uma forma de as crianças comunicarem-se, de perderem a timidez, de exporem seus problemas emocionais e quiçá físicos; oferecer moderação das emoções às crianças.

Fonte: ROSA, 2006, p. 17-19.

Conforme o quadro 03 abaixo é possível verificar autores que defendem a biblioterapia como, processo terapêutico, terapia auxiliar, uma técnica, uma ferramenta.

Quadro 03 – Definições de Biblioterapia – processos terapêuticos

Conceito Núcleo	Definição
Processo Terapêutico (Terapia por meio de livros; recurso terapêutico)	MARCONDES, K. A. (2003a) “Obviamente a Biblioterapia, que é o nome técnico do uso de “histórias para a vida” não é um recurso maior ou mais importante para que nenhum outro recurso terapêutico. É apenas mais um recurso. Entretanto, é um recurso totalmente livre de contraindicações e efeitos colaterais”.
	PINTO, V. B (2003) “Entendemos a Biblioterapia como uma atividade terapêutica que se utiliza de textos verbais e não-verbais, da produção textual, das formas de expressão e de outros objetos lúdicos como coadjuvante no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença, seja ela física e mental, ou ainda que estejam experimentando uma etapa particular ou específica em suas vidas (...)”.
	GIANINI, F. H. (1995) “A Biblioterapia é uma terapia fundamentada na leitura dirigida. Ou seja, pressupõe a atuação de um biblioterapeuta, o qual é o intermediário entre leitor e a leitura”. (p.7)
Terapia auxiliar (Terapia auxiliar, atividade auxiliar,	MARCONDES, K. A. (2003b) “Uso de material selecionado como coadjuvante terapêutico em medicina e psicologia”. Apud Associação de Bibliotecas de Hospitais e Instituições Correccionais Americanas

auxílio terapêutico, complemento tratamento, coadjuvante no tratamento; apoio à psicoterapia)	PINHEIRO, E. G. (1998a) “A Biblioterapia é uma técnica que se utiliza da leitura e de atividades lúdicas como coadjuvante de tratamentos”; (p.4)
	CALDIN, C. F. (2001a) “É o uso de livros, artigos e panfletos como coadjuvantes no tratamento psiquiátrico”. (Appel; p.2)
	FONTANELLE, M. F. et all (1995) “A Biblioterapia é o uso de materiais de leitura selecionados como auxiliares terapêuticos em medicina e psiquiatria, e também no auxílio na solução de problemas por meio de leitura dirigida”. (Webster International, 1961) (p.2)
	RODRIGUES, M. S. (2002) “Destaca-se a Biblioterapia que, como prática leitora, utiliza-se de textos verbais como coadjuvantes no tratamento de pessoas acometidas por doenças físicas ou mentais ou, ainda, que enfrentam momentos de crise ou de dificuldades”. (p.1)
	PINHEIRO, E. G. (2002) “A Biblioterapia é uma técnica que se utiliza da leitura e de atividades lúdicas como coadjuvante de tratamentos”; (p.4)
	MENEZES, L. S. (2002) “Tratamento terapêutico auxiliar”. (p.7)
	FENÁNDEZ-VASQUEZ, M. S. A. (1989) “A Biblioterapia, ou “medicina do intelecto”, é um complemento extremamente importante no tratamento do paciente”. (p.30)
	SCHLACHTER, L. (1999) “A Biblioterapia como coadjuvante em tratamentos, teve início por volta de 1800, com Benjamim Rush, um americano que aconselhava o uso da leitura como forma de apoio à psicoterapia, para doentes mentais e para qualquer pessoa com conflitos internos”. (p.312)
	CALDIN, C. F. (2001b) “A Associação das Bibliotecas de Instituições e Hospitais dos Estados Unidos (Mood; Limper, 1973), adotou como definições de biblioterapia: a utilização de materiais de leitura selecionados como coadjuvante terapêutico na medicina e na psiquiatria”. (p.5)
	RATTON, A. M. L. (1975) “Uso de material de leitura selecionada, como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia” e também: “Guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida”. (Webster’s Third International Dictionary) (p.55)
ALVES, M. H. H. (1982) “Uso de material de leitura selecionada, como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia” e também: “Guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida”. (Webster’s Third International Dictionary) (p.55)	
SOUZA, K.; BOTELHO, R. (2004) “Uso de material selecionado como coadjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia”. (p.2)	
QUEIROZ, M. P. C. P. (2003) “Método subsidiário da psicoterapia; um auxílio no tratamento que, através da leitura, busca a aquisição de um conhecimento melhor de si mesmo e das reações dos outros, resultando em um melhor ajustamento à vida” (apud L. H. Tweffort) (p.32)	

Técnica	ORSINI, M. S. (1982) “O termo Biblioterapia não envolve o tratamento; trata-se de uma técnica largamente usada, tanto para fins de diagnóstico, como também medida profilática ⁷ . Isso equivale dizer que, em termos gerais, a Biblioterapia pode ser vista sob o prisma de diagnóstico, tratamento e prevenção”. (p.145)
	FERREIRA, D. T. (2003) “O componente que torna a Biblioterapia uma técnica de aconselhamento é naturalmente um biblioterapeuta que pode ser qualquer um dos profissionais que atuarão conjuntamente neste programa (psicólogo, bibliotecário, ou assistente social)”. (p.36)
	HASSE, M. (2004) “Apresenta-se nesta dissertação a investigação de um fenômeno comunicativo particular- uma técnica psicoterapêutica chamada Biblioterapia”. (p.1)
	PINHEIRO, E. G. (1998) “A Biblioterapia é uma técnica que se utiliza da leitura e de atividades lúdicas como coadjuvante de tratamentos”; (p.4)
	MATOS, C. R. M.; QUEIROZ, M. P. C. P. (2003) “A Biblioterapia é uma técnica que se utiliza da leitura e outras atividades lúdicas como coadjuvante no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença física ou mental. É aplicada como educação e reabilitação em indivíduos em diversas faixas etárias”. (p.2)
	OLIVEIRA, P. L. (2002) “A Biblioterapia é uma técnica de tratamento que busca através da leitura o autoconhecimento com o objetivo de curar o usuário de moléstias psicossociais e físicas”. (p.3)
Ferramenta (instrumento)	CALDIN, C. F. (2003) “A Biblioterapia é uma ferramenta útil no combate as tensões da vida diária e age como pacificadora das emoções ao realizar a catarse pela fruição do literário e satisfazer as necessidades estéticas do ser humano”. (p.10)

Fonte: SILVA, 2005, p. 116-118.

O quadro 04 a seguir tem como objetivo apresentar os processos de socialização, de acordo com a biblioterapia e seus conceitos.

Apresentam-se os processos:

- uma prática social;
- um processo dinâmico, interativo, de desenvolvimento, clínico, de estudo;
- um modo de comunicação.

⁷ Profilática: Medicamento que atua como medida preventiva de enfermidades. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/profil%C3%A1tico/>> Acesso em: jan. 2013.

Quadro 04 – Definições de Biblioterapia – processos de sociabilização

Conceito Núcleo	Definição
Prática Social	Não possui.
Processo dinâmico, interativo, de desenvolvimento, clínico, de estudo;	CRUZ, M. A. (1995) “Biblioterapia pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes, e participantes que desenvolvem um processo de escrita criativa com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos a fim de promover autoafirmação, autoconhecimento ou reabilitação”. (LACK apud MARCINKO, 1985) (p.15).
	CALDIN, C. F.; BUENO, S. B. (2002) “Com a união destes dois termos, leitura e terapia, surgiu a biblioterapia, definida como um processo dinâmico de interação entre o leitor, o texto e o ouvinte, ajudando no crescimento emocional e psicológico”. (p.158)
	SPERANDIO, S. M. (1978) “Processo de interação entre a personalidade do leitor e a leitura de ficção”. (p.6).
	OLIVEIRA, P. L. (2002) “Biblioterapia como sendo um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e as leituras imaginativas, que pode atrair as emoções do leitor e libera-las para o uso consciente e produtivo”. (p.4)
Modo de Comunicação	Não possui.

Fonte: SILVA, 2005, p. 119

O quadro 05 a seguir tem por objetivo demonstrar as outras definições que permeiam a biblioterapia: uma leitura dirigida, um programa de atividades, uma prescrição de materiais e um aconselhamento de leitura.

Quadro 05 – Definições de Biblioterapia – procedimentos de agentes da Biblioterapia

Conceito Núcleo	Definição
Leitura Dirigida	RATTON, A. M. L. (1975) “Guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida”. (Webster’s Third International Dictionary) (p.199)
Programa de Atividades	PEREIRA, M. M. G. (2000) “Biblioterapia – programa de leitura orientada”. (p.7)
	SEITZ, E. M. (2000) “A Biblioterapia é um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais de leitura, planejadas e conduzidas e controladas como um tratamento, sob orientação médica, para problemas emocionais e de comportamento. Devendo ser administrada por um bibliotecário treinado de acordo com as propostas e finalidades prescritas”. (p.10)
Prescrição de Materiais	Não possui.
Aconselhamento de Leitura	PEREIRA, M. M. G. (1996) “Biblioterapia é uma aplicação refinada de uma função normal de aconselhamento de leitura”. (p.39)

Fonte: SILVA, 2005, p. 120

O quadro 06 a seguir demonstra a relação que a Biblioterapia possui com o livro, como: uma pratica leitora e filosofia do livro.

Quadro 06 – Definições de Biblioterapia – relações estabelecidas com o livro

Conceito Núcleo	Definição	Quantidade de x que aparece repetida
Pratica Leitora	PINTO, V. B. et all (2001) “As praticas leitoras se constroem multidisciplinarymente e, neste contexto, destaca-se a Biblioterapia que, como pratica leitora, utiliza-se de textos – verbais e não-verbais – como coadjuvantes no tratamento de pessoas”. (Resumo)	2
	RODRIGUES, M. S. (2002) “Destaca-se a Biblioterapia que, como pratica leitora, utiliza-se de textos verbais e não-verbais como coadjuvantes no tratamento de pessoas acometidas por doenças físicas ou mentais ou, ainda, que enfrentam momentos de crise ou de dificuldades”. (p.1)	1
	PINTO, V. B. et all (2002) “Enquanto pratica leitora, a biblioterapia se apropria de diversos mecanismos de leituras de textos verbais e não-verbais para auxiliar no tratamento de pessoas doentes ou que estejam enfrentando momentos de crise, dificuldades (...)”.	1
Filosofia do Livro	Não possui.	-

Fonte: SILVA, 2005, p. 121

Pode-se verificar que não existe uma definição ou procedimento correto para a Biblioterapia. Esses procedimentos e definições se adequam aos cenários e públicos-alvo do programa. Assim, fatores, como local, idade e público determinarão qual a melhor forma de se aplicar a Biblioterapia.

5.3 ELEMENTOS BIBLIOTERAPÊUTICOS

Com a apresentação e inclusão da biblioterapia nas pessoas de diversas idades inseridas em diversos cenários, é possível com a terapia encontrar elementos como, a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção.

5.3.1 Catarse

Conforme Caldin (2009, p. 153), “a catarse é definida como purgação, purificação”. O filósofo grego Aristóteles acreditava que através da catarse, era possível eliminar do corpo os males e estabelecer o equilíbrio da saúde.

Afirma Caldin (2009, p. 154): “a catarse na tragédia se propunha a “depurar o fundo emocional da alma, mediante o prazer procurado pela expressão artística”. O que se pode dizer é que a catarse é a liberdade emocional; é através dela que é possível retirar a carga negativa acumulada no corpo, “a catarse consiste em se livrar de tensões e de ansiedades”. (CALDIN, 2009, p. 155).

5.3.2 Humor

Outro elemento que pode ser aplicado à biblioterapia é o humor. Conforme Pires e Mory (2009, p. 32), “os benefícios que o humor acarreta na vida de um indivíduo são notáveis, e são explicados fisiologicamente”. Pois, de acordo com Pires e Mory (*apud* Dr. Eduardo *apud* Milomem, 2006):

mesmo o simples esboçar de um sorriso ou uma gargalhada , estimulam o cérebro a produzir endorfinas, substâncias químicas com poder analgésico, que proporcionam uma enorme sensação de bem estar”.

Freud (*apud* Caldin 2005, p. 15), “observa que o humor se configura como um triunfo do narcisismo, visto que o ego se recusa a sofrer”. O humor é essencial para se buscar um resultado positivo na biblioterapia, pois conforme dito, ele é responsável por desenvolver no ser humano uma sensação de bem estar. É possível que os sentimentos ruins fiquem em segundo plano ou até mesmo esquecidos.

5.3.3 Identificação

De acordo com Laplanche; Pontalis (*apud* Caldin, 2005, p. 16),

duas acepções são possíveis a respeito do substantivo identificação: pode significar tanto “a ação de identificar, isto é, reconhecer como idêntico”, como também “ato pelo um indivíduo se torna idêntico a outro.

Na biblioterapia a identificação é benéfica, pois o indivíduo pode retirar das experiências de leitura personagens que se encontram em situações que se assemelham a situações que estão presentes em sua vida. Assim, conforme Caldin (2005, p. 16),

Quase sempre de forma inconsciente, a identificação com um personagem permite vivenciar situações por vezes impossíveis na vida real. Considera-se essencial à biblioterapia a concepção de que o sujeito possui uma identidade em movimento ou a identidade dinâmica.

A identificação é de grande importância para o processo de biblioterapia, pois o leitor/paciente realiza uma identificação com personagem da história lida. Dessa forma, extrai do personagem ação e emoções por ele vivida.

5.3.4 Introjeção

De acordo com Caldin (2001, p. 09), “a introjeção constitui-se em um processo evidenciado pela investigação analítica. Sendo assim, conforme Laplanche e Pontalis (*apud* Caldin, 2001, p. 09), “o sujeito faz passar, de um modo fantasístico, de ‘fora’ para ‘dentro’, objetos e qualidades inerentes a esses objetos”. A introjeção está relacionada a identificação.

Afirma Caldin (2009, p. 168), “o termo introjeção foi introduzido por Sandor Ferenczi em 1909, para designar, em simetria com o mecanismo de projeção”.

Na biblioterapia, a introjeção participa da universalização da leitura, em que o público alvo, assimila ou repele as características dos personagens que são identificados pela semelhança com a vida real.

5.3.5 Projeção

De acordo com Laplanche e Pontalis (*apud* Caldin 2009, p. 169), “a projeção é uma operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo objetos que ele desconhece ou recusa nele”.

Assim afirma Caldin (2001, p. 10), “a projeção é a transferência aos outros de nossas idéias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos”.

5.3.6 Introspecção

A introspecção se dá no momento em que o leitor se identifica com os personagens, ou seja, têm o conhecimento que aquela personagem possui características semelhantes, atributos, defeitos e qualidades. Conforme Caldin (2009, p. 186) “Dá-se a introspecção, o que, para alguns é uma percepção interna, e para outros, um ato deliberado da consciência”.

Na biblioterapia, a leitura terapêutica que permeia a introspecção tem como vantagem a melhoria das ações do leitor que influencia no bom relacionamento com o outro e uma boa saúde mental.

5.4 TIPOS DE BIBLIOTERAPIA

A Biblioterapia é um programa que utiliza materias de leitura e atividades diversas, para realizar um tratamento para problemas emocionais, juntamente com o profissional adequado a cada situação. Dessa forma, a biblioterapia está dividida em três processos: a Biblioterapia institucional, Biblioterapia clínica e a Biblioterapia para desenvolvimento pessoal.

5.4.1 Biblioterapia institucional

Afirma Pereira (1996, p. 57) “biblioterapia institucional é a que se refere ao uso de literatura – primeiramente didática – com clientes, individualmente, e que já se encontra institucionalizada”. Esse tipo de biblioterapia utiliza textos de higiene mental e são recomendados a pacientes mentais. Conta com a participação de bibliotecários e médicos ou uma equipe médica. Conforme Pereira (1996, p. 57), esse tipo de biblioterapia não existe mais. Porém, há alguns projetos com características semelhantes.

5.4.2 Biblioterapia clínica

Esse tipo de terapia é realizado através de programas bem estruturados com a participação de psicoterapeutas, médicos e bibliotecários. Tem por objetivo a

mudança de atitude por parte dos pacientes e solução ou melhora da situação/problema ao qual está vivenciando. Assim afirma Ferreira (2003, p. 38):

Biblioterapia clínica é destinada às pessoas com sérios problemas de comportamento social, emocional, moral, etc. Sua aplicação tem sido predominantemente em instituições de saúde, como hospitais, clínicas, organizações de saúde mental, embora ocorra também em clínicas privadas.

A biblioterapia clínica visa um auxílio a um grupo selecionado para o tratamento ou individualmente em determinada clínica ou hospital. Possui um enfoque em pessoas com problemas de saúde mental e distúrbio comportamental. Dessa forma, com profissionais adequados e com a utilização de materiais devidamente selecionados, que sejam de acordo com o perfil dos pacientes.

5.4.3 Biblioterapia para desenvolvimento pessoal

A Biblioterapia para desenvolvimento pessoal é indicada para programas educacionais voltados a crianças e adolescentes, podendo ser trabalhada de forma coletiva e possui um caráter preventivo e corretivo. Assim afirma Ferreira (2003, p. 39), “a biblioterapia para o desenvolvimento pessoal é descrita como apoio literário personalizado para possibilitar um desenvolvimento normal e progressivo da pessoa que procurou ajuda”.

O tratamento através da biblioterapia, visando o desenvolvimento pessoal, é realizado através de leituras e atividades diversas, como dança teatro, contação de histórias, desenhos, filmes, entre outros. Essas atividades são formas alternativas de se contribuir para o melhor aprofundamento das leituras direcionadas.

A biblioterapia pode também ser utilizada junto a adultos e idosos, mesmo que não hajam muitos projetos que enfatizem essas faixas etárias. O objetivo, mesmo com este público, é o mesmo: contribuir para o desenvolvimento pessoal.

Pereira (1996, p. 59), desenvolveu um quadro que contempla as características dos três tipos de biblioterapia, as quais se apresentam no quadro 07:

Quadro 07 – Tipos de Biblioterapia

	INSTITUCIONAL	CLINICA	DESENVOLVIMENTAL
FORMATO	Individual ou grupo geralmente passivo	Grupo ativo voluntário e involuntário	Grupo ativo, grupo voluntário
CLIENTE	Paciente médico ou psiquiátrico, prisioneiro ou cliente em prática privada	Pessoas com problemas emocionais ou comportamental	Pessoa normal geralmente em situação de crise
CONTRATANTE	Sociedade	Sociedade ou individual	Individual
TERAPÊUTICA	Equipe médica ou bibliotecária	Médico, instrutor de saúde mental ou bibliotecário geralmente em consulta	Bibliotecário, professor ou outros
MATERIAL USADO	Tradicionalmente didático	Literatura Imaginativa	Literatura imaginativa e/ou didática
TÉCNICA	Discussão material	Discussão de material, com ênfase nas visões e reações do cliente	Discussão de material com ênfase nas visões e reações do cliente
LOCAL	Prática de instituição pública ou privada	Prática de instituição privada ou de comunidade	Comunidade
META	Geralmente informativo, com alguma visão interna	Visão interna e/ou mudança de comportamento	Comportamento normal e auto realização

Fonte: Pereira (1996, p. 59)

5.5 BIBLIOTERAPIA COMO CAMPO DE ATUAÇÃO PARA BIBLIOTECÁRIOS

O profissional da informação atualmente possui um mercado de trabalho muito amplo, isso graças às mudanças que estão ocorrendo mundialmente devido aos avanços da tecnologia. Além de funções atuais para o bibliotecário, como gestor, administrador, educador, por exemplo, destaca-se a biblioterapia como campo de atuação.

A biblioterapia é um ótimo campo profissional para o bibliotecário. Este profissional pode buscar competências para aplicar projetos, além de buscar parcerias com profissionais de outras áreas, tais como psicólogos, psicoterapeutas, psiquiatras, enfermeiros, médicos, assistentes sociais, entre outros. Assim afirma Pinto (2005),

A biblioterapia é uma seara de atuação para o bibliotecário, porém a sua prática necessita de conhecimentos do terreno da psicoterapia; portanto essa vivência deveria ser implementada conjuntamente com psicólogos, terapeutas e outros profissionais desse ramo.

É um campo conhecido hoje como uma forma de terapia através de leitura dirigida, que utiliza além da leitura procedimentos interativo para complementar o processo de cura e ou de formação pessoal. Também é considerada parte da biblioteconomia. Porém o bibliotecário como biblioterapeuta é uma faceta muito questionada, pois em sua formação seria necessário um complemento educacional, voltado para as áreas da psicológica ou médica.

Alguns autores, como Ferreira (2003), acreditam que o bibliotecário teria a função de elaborar, selecionar os materiais de leitura. Porém, outros autores acreditam que o treinamento adequado desse profissional seria suficiente para transformá-lo em biblioterapeuta.

Para o bibliotecário se tornar um biblioterapeuta, é necessário que esse profissional busque capacitação necessária, e caso haja necessidade, parcerias como outros profissionais. Dessa forma, é possível adquirir novos conhecimentos e informações capazes de atingir os objetivos.

Ferreira (2003) afirma que o bibliotecário pode formar parcerias e trabalhar com profissionais das diversas formações, como assistentes sociais, psiquiatras, psicólogos, entre outros. Afirma ainda que “a interdisciplinaridade, possui como o objetivo a troca de informações dessas áreas, visando à aplicação mais eficiente da biblioterapia”.

5.6 CRITÉRIOS PARA ELABORAÇÃO DE PROGRAMAS BIBLIOTERÁPICOS

Para se realizar um projeto de biblioterapia é necessário seguir alguns passos para otimizar o programa e garantir resultados positivos. De acordo com Oliveira et. all (2011), o biblioterapeuta deve “identificar a angústia do paciente/leitor para colocar em prática o melhor tratamento”. Nesse caso, o biblioterapeuta deve buscar a ajuda de profissionais psicólogos, psiquiatras, assistentes sociais, pedagogos e bibliotecários.

Ferreira (2003) aponta diretrizes para a aplicação da biblioterapia realizada por bibliotecários e/ou outros profissionais.

- a) Ele deve escolher um local adequado para a realização das reuniões do grupo;

- b) Deve ter tido um treinamento adequado e estar capacitado para conduzir as discussões do grupo;
- c) Deve formar grupos homogêneos para leitura e discussão de temas previamente escolhidos;
- d) Deve preparar listas de material bibliográfico adequadas às necessidades de cada grupo, e escolher outros materiais (filmes, músicas), de acordo com a idade e necessidades a nível cultural e social dos participantes;
- e) Mesmo que não haja aplicação de terapia ou psicoterapia, como em alguns casos de biblioterapia para crianças, é necessário estabelecer uma situação de ajuda entre o bibliotecário e o usuário, a partir daí será possível elaborar um programa estruturado;
- f) O bibliotecário ou biblioterapeuta, deve usar de preferência materiais com os quais esteja familiarizado;
- g) Deve selecionar materiais que contenham situações familiares aos participantes do grupo, mas que não precisam necessariamente conter situações idênticas às vividas pelas pessoas envolvidas no processo;
- h) Deve selecionar materiais que traduzam de forma precisa os sentimentos e os pensamentos das pessoas envolvidas sobre os assuntos e temas abordados, com exceção de materiais que contenham uma conotação muito negativa do problema, como poesias sobre suicídios, por exemplo;
- i) Deve selecionar materiais que estejam de acordo com a idade cronológica e emocional da pessoa, sua capacidade individual de leitura e suas preferências culturais e individuais e;
- j) Deve selecionar material impresso e não impresso na mesma medida.

Além desses itens, é necessário que o biblioterapeuta possua um grande conhecimento sobre a biblioterapia, para que os projetos possam ser aplicados com precisão e com garantia de resultados positivos.

Esses itens são importantes, pois é através deles é possível construir projetos que envolvam a biblioterapia. Cada item deve ser levado em consideração para que a aplicação da biblioterapia possa ter resultados positivos.

6 BIBLIOTERAPIA NO BRASIL

Esse tópico tem por finalidade apresentar os vários projetos de biblioterapia realizado no país separados por regiões.

6.1 PROJETOS APRESENTADOS POR REGIÕES DO PAÍS

No Brasil, em diversos ambientes, como as Universidades e ONGS, estudantes, professores e profissionais da psicologia e biblioteconomia, desenvolveram projetos de biblioterapia. Basearam-se na literatura para desenvolver métodos em diferentes contextos da sociedade. Dentre elas, encontram-se trabalhos com crianças e adolescentes internados em clinicas médicas, idosos, crianças matriculadas em creches, pessoas com deficiência visual, entre outros.

Os projetos estão dispostos em diferentes regiões do Brasil, e a biblioterapia foi apresentada para pessoas de todas as idades, inseridas em vários contextos (hospitais, asilos, escolas, entre outros),_e foi utilizada, além da leitura, diversas atividades como contação de histórias, teatro, música, pintura de desenhos que complementaram o projeto.

6.1.1 Região Sul

Caldin e Bueno em “A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas” (2001;2002) utilizaram a arte de contar histórias, a leitura e a dramatização como forma de terapia para as crianças internadas na ala pediátrica do Hospital Universitário de Florianópolis - SC. As autoras utilizaram métodos que envolveram principalmente a visão e a audição para criar um espaço imaginário, explorando a criatividade e a imaginação, mas preservando o teor infantil. Conforme Caldin e Bueno (2002, p. 166),

Foram observadas mudanças culturais nas crianças, como o maior hábito para a leitura, pois as mesmas passaram a procurar na sala de recreação, além dos brinquedos, os livros infantis.

Teixeira em “O papel da contação de histórias como biblioterapia: a experiência do projeto histórias na creche do núcleo da hora do conto – Fabico/UFRGS na creche da Instituição Amigo Germano” (2004) utilizou a contação de histórias como forma de biblioterapia. Aplicou em crianças matriculadas na Creche da Instituição Amigo Germano em Porto Alegre. O projeto, intitulado Histórias da Creche, tinha por objetivo resgatar a afetividade perdida e buscar o reequilíbrio emocional das crianças através da contação de histórias. Com esse projeto, os funcionários da creche (psicólogos, diretores e “tias⁸”) perceberam melhora no comportamento das crianças, pois conseguiram trabalhar conflitos internos e aumentar a auto-estima. A análise de dados foi realizada com as entrevistas com crianças e funcionários da creche. Conforme Teixeira (2004, p. 73),

após todas as contextualizações e análise de dados, foi possível perceber que o significado da contação de histórias, realizada pelo NUHC⁹ na Creche Amigo Germano, atinge o objetivo central da biblioterapia que é patrocinar um reconhecimento das dificuldades enfrentadas e a partir de então realizar os processos da catarse e introspecção para superar as mazelas ou pelo menos minimizar seus efeitos mais cruéis na vida das pessoas.

Caldin em “Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do curso de biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina” (2005) utilizou a disciplina optativa de biblioterapia do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina para propor aos seus alunos projetos de biblioterapia. Ao todo, foram realizados oito projetos, sendo que cinco foram realizados com crianças, um com jovens e adultos e dois com idosos. Todos esses projetos tiveram como objetivos a inserção da leitura e atividades diversas, como teatro, contação de histórias, filmes e músicas como forma de terapia. Todos os projetos tiveram resultados satisfatórios e atingiram seus objetivos. O primeiro projeto foi realizado no Colégio Barddal, com crianças da turma de alfabetização. Utilizaram a contação de histórias para promover sociabilização e imaginação. O segundo projeto foi desenvolvido no Colégio Lavoisier, Unidade Maria Eduarda, também com a turma de alfabetização. Foram apresentadas as crianças a leitura em

⁸ Tia – é uma forma carinhosa de se chamar as profissionais que trabalham em determinado ambiente composta por crianças. Estas, preferem utilizar esse termo como forma de confiança depositada na profissional.

⁹ NUHC – Núcleo da Hora do Conto

voz alta e a música, com o objetivo de diminuir a timidez, melhorar o diálogo e incentivar o humor.

O terceiro projeto foi elaborado para atender as crianças do Centro Municipal de Educação Infantil São Tomé. Utilizaram como terapia um filme infantil e a criação de desenhos relacionados com a história. Esse projeto teve como objetivo promover a sociabilização, diálogo e criatividade. O quarto projeto foi realizado na brinquedoteca da Cidade da Criança de Florianópolis – SC. Projeto desenvolvido para atender crianças de 04 a 12, anos com o objetivo de possibilitar a identificação, introjeção, projeção e catarse. Também foi utilizado o filme como terapia que propiciasse os objetivos do projeto.

O quinto projeto foi realizado no Projeto Florir Floripa, e as crianças foram escolhidas para dar andamento ao mesmo. Esse projeto teve a leitura como foco para introduzir as crianças no mundo da leitura e teve como objetivo alívio das angústias, mudança de comportamento, crescimento intelectual, introspecção e identificação. O sexto projeto foi elaborado para atender aos internos (dependentes químicos) da Fazenda da Esperança. Contou com aproximadamente 13 internos, com idade entre 16 a 60 anos. Foi-se utilizado como tratamento a leitura e filme com objetivo de estimular a autoestima e introspecção.

O sétimo projeto foi realizado com idosos de uma clínica prestadora de serviços sociais e assistenciais, a Atividade Centro de Convivência. O projeto contou com a leitura dirigida e atividades diversas que não comprometessem a saúde dos idosos e procurou atingir os objetivos: lazer, bem estar, alívio das tensões. E o oitavo e último projeto foi realizado com idosos residentes do Asilo Osvaldo Alípio da Silva. Foi realizada uma peça teatral aos internos, com o objetivo amenizar carência afetiva, estimular o diálogo, diminuir o stress, diminuir a timidez, e melhorar a sociabilização.

De acordo com Caldin (2005), esse projeto interferiu de maneira positiva no comportamento, nos sentimentos e nas emoções das pessoas a quem foram aplicadas a biblioterapia.

Seitz em “Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas” (2006) implantou um projeto de biblioterapia aos pacientes internados no Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (HU/UFSC). O projeto teve como objetivo investigar a aceitação da biblioterapia como forma de lazer pelos pacientes internados no hospital. Conforme Seitz (2006,

p. 168), “a prática biblioterapêutica com pacientes internados em Clínicas Médicas demonstrou ser útil no processo de hospitalização, tornando a hospitalização menos agressiva e dolorosa”.

Rossi, Rossi e Souza em “Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE)” (2006) aplicaram a biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna localizada em Florianópolis/SC, com o objetivo de proporcionar o alívio de tensões, aumentar a autoestima, sociabilização e diminuir o estresse das idosas. Utilizaram além de leitura, encenação de bonecos de mão, vídeo de sapateado, músicas de marchinha, diálogos sobre diversos assuntos relacionados com o dia-a-dia. Com esse projeto, os autores perceberam a grande importância da biblioterapia para a sociedade. Esse projeto permitiu aos internos da Sociedade Espírita uma renovação de humor, um momento de descontração que permitiu a sociabilização, diálogo e alegria dos sujeitos alvos dessa iniciativa. As atividades biblioterapêuticas contribuíram para a mudança de humor dos idosos.

Goularte em “O uso da biblioterapia em sala de aula” (2008) realizou um projeto de biblioterapia com crianças estudantes da 1ª série da Escola de Educação Básica Professor Benonívio João Martins, localizada no Município de Palhoça-SC. Esse projeto teve por intuito promover a catarse através de contação e narração de histórias. A estudante trabalhou, além da narração e contação de histórias, a leitura e atividades diversas, para conseguir a participação de todos os alunos. Assim, como retorno do projeto, os alunos se tornaram livres, com espírito de equipe, contribuindo para melhorar a criatividade e a participação em sala de aula.

Lopes em “Biblioterapia: um estudo de caso da prática de leitura realizada com pessoas com necessidades psicossociais” (2012) realizaram um estudo de caso com vários pacientes (mulheres e homens) do Centro de Apoio Psicossocial do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS. Utilizaram a leitura de revistas e jornais e livros como instrumentos para aplicação do projeto e realizaram uma pesquisa qualitativa para garantir um resultado mais completo do tratamento. O projeto foi desenvolvido na biblioteca do hospital em quatro encontros e com o auxílio de uma enfermeira, uma estagiária de enfermagem e uma professora. De acordo com as autoras, a biblioterapia contribuiu para melhorar o convívio social, o desenvolvimento da oralidade e raciocínio, além de desenvolver o cognitivo através das atividades de leitura desses pacientes.

6.1.2 Região Sudeste

Rosa em “As cartas de Ana Cristina César: uma contribuição para a biblioterapia” (2006) realizou uma pesquisa de campo com homens e mulheres, e utilizou como processo terapêutico cartas de Ana Cristina Cruz César¹⁰ dispostas no livro *Correspondência Incompleta* dirigida as suas três amigas. A escolha pelo material baseou-se nas situações do cotidiano, problemas afetivos e crises existenciais, que são comuns a muitas pessoas. Com as cartas de Ana Cristina César, tornou-se possível ao leitor a identificação com situações do cotidiano e com a intimidade da autora. Com uma linguagem que se aproxima do real, as cartas provocaram no leitor uma reflexão das situações escritas. Conforme a autora, as leituras das cartas permitiram aos participantes o incentivo a apreciação de si, incentivo em busca de novos interesses, liberou a pressão emocional e/ou mental, incentivou a discussão abertamente dos problemas e maneiras para a solução de problemas.

Arantes em “Biblioterapia para alunos com necessidades educacionais especiais na APAE de Capitólio-MG: aplicabilidade e resultados” (2008) realizou o projeto através de contação de histórias, xilogravuras em cartolina e leitura de histórias. A aplicação contou com a participação de crianças com faixa etária de três a quinze anos. Conforme a autora, foi possível perceber que, com a terapia, os participantes tiveram uma mudança positiva do comportamento e despertaram emoções como alegria, amizade, apoio, companheirismo, compreensão, entre outros.

Fonseca, Rodrigues e Borges em “Manhã de leitura afetuosa: um programa biblioterápico com crianças com perfil do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH¹¹) em Escola Municipal de Formiga – MG” (2012) realizaram um projeto de biblioterapia com quatorze crianças com TDAH, de faixa etária de oito

¹⁰ Ana Cristina César foi uma poetiza .Escreveu inúmeras poesias e cartas, escreveu para diversos jornais e revistas. Ana Cristina faleceu em 1983. Ela deixou uma série de documentos, tais como cartas, poesia, diários, traduções, desenhos e testemunhos. (ROSA, Aparecida Luciene Resende. **As cartas de Ana Cristina César: uma contribuição para a biblioterapia**. Dissertação apresentada à Universidade do Vale do Rio Verde UNINCOR. Minas Gerais, 2006)

¹¹ TDAH – implica em uma desordem de comportamentos diferenciados da vida social, emocional, escolar e familiar do portador.

a doze anos, da terceira a quinta série. Utilizaram a contação de histórias e atividades lúdicas, como oficina de criatividade, passeio e brincadeira, como método de terapia. O projeto melhorou o gosto pela leitura, motivação, comunicação e autoestima.

6.1.3 Região Nordeste

Fontenele et al. Em “A biblioterapia no tratamento do câncer infantil” (1994-1999) aplicou a biblioterapia em crianças internadas na ala de oncologia do HIAS (Hospital Infantil Albert Sabin). Essa experiência durou cinco anos. Nela, foram utilizados histórias e contos de fadas como Pinóquio, Bela Adormecida e Os Três Porquinhos, dentre outros. Foi realizado esse procedimento juntamente com a área de psicologia do hospital. Com esse projeto, foi possível incentivar a leitura. Conforme Fontenele et al. (1994, p. 22), “a partir de nossa experiência, verificamos que a leitura, associada a outros recursos lúdicos, é um instrumento eficaz na conquista da melhoria da qualidade de vida das crianças portadoras de câncer”.

Moreno et. al. em “contar histórias para crianças hospitalizadas: relato de uma estratégia de humanização” (2002) realizaram um projeto de contação de histórias com diversas pessoas que se encontravam no Hospital Infantil Albert Sabin – CE. Contou com a participação de doze pessoas, entre elas, três crianças, três acompanhantes, três mediadores (terapeuta ocupacional, bibliotecária e voluntária) e três profissionais. Como resultado desse projeto, de acordo com os participantes, houve alívio da dor e/ou esquecimento momentâneo da doença, sentimentos de alegria, relaxamento e confiança. Contribuiu também para a melhora da autoestima, imaginação, melhora e desenvolvimento da leitura.

Castro e Pinheiro em “Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa” (2004), proporcionaram aos idosos da AMEM (Associação Metropolitana de Erradicação da Mendicância) a biblioterapia. Realizaram atividades lúdicas de leitura (contos clássicos, literatura infanto-juvenil, revistas semanais e alguns materiais escolhidos pelos participantes). Utilizaram a entrevista para conhecer o perfil dos idosos e sua história. Através desse projeto, os autores buscaram argumentos para validar a biblioterapia como uma prática capaz de fazer com que

os idosos esquecessem suas limitações e proporcionar um envelhecimento mais feliz ao mesmos. De acordo (2004),

A experiência com a Biblioterapia com os idosos da AMEM alcançou o objetivo desejado, que era recreacional, ocupacional, sobretudo integrativa, rompendo as barreiras da vida, dos preconceitos e da discriminação, pelo menos naquele momento de socialização, haja termos observado que ao final de cada seção de leitura, a alegria, o dinamismo e a vontade de viver, estavam presentes no semblante de cada idoso, parecendo até que uma ruga a menos desaparecia lentamente das suas faces.

Elliot, Bernardino et. al em “A leitura é o melhor remédio: a biblioterapia com crianças portadora de câncer” (2010) desenvolveram um projeto de biblioterapia com crianças portadoras de câncer internadas no Hospital Municipal Infantil Maria Amélia Bezerra de Menezes, localizado na Cidade de Juazeiro do Norte, CE. Esse projeto teve como característica a técnica de leitura e de desenho. Os participantes visitaram o hospital duas vezes por semana, para a realização e reunião referente às ações do projeto. Como leitura, foram utilizados contos como o “O Caso do Bolinho”, de Tatiana Belinky, que além da leitura é a história contempla as ilustrações. Com esse projeto, foi possível analisar os traços psicológicos das crianças e promover um tratamento que propiciasse a pacificação das emoções e aceitação da condição em que se encontram e o gosto pela leitura.

Todas as experiências relatadas demonstram a importância da aplicação da biblioterapia para todos aqueles que estejam passando por situações conflitantes, como colocadas anteriormente. Conforme analisado, esses projetos contribuíram para melhorar a situação dessas pessoas, além de incentivar a leitura.

Os bibliotecários e psicólogos que realizaram essa terapia disponibilizaram as técnicas e coleta de dados realizada como forma de transmitir interesse e divulgar as práticas e resultados obtidos para outros profissionais.

7 BIBLIOTERAPIA NORTE AMERICANA

Esse tópico tem por objetivo demonstrar projetos realizados no território norte americano.

Frasier e McCannon (1981) montaram um guia para auxiliar professores e bibliotecários na produção de projetos de biblioterapia a serem realizados com alunos superdotados, pois alunos superdotados são considerados problemáticos, porque essa situação interfere no desenvolvimento social e educacional. Esse guia divide os problemas enfrentados por alunos em: tédio devido ao currículo escolar desestimulante, problemas sociais e/ou comportamentais e problemas de desenvolvimento. Esse guia estabelece a utilização do livro como forma de terapia.

O guia afirma que deve existir uma relação de confiança entre um professor e o aluno superdotado. Esse guia permite estabelecer tópicos capazes de executar o projeto de biblioterapia. Conforme afirmam Frasier e McCannon (1981, p.82), “o primeiro passo na execução de um programa é determinar a biblioterapia para os problemas específicos enfrentados por alunos superdotados. Este pode ser feito através de observações, entrevistas, análises de questões respondidas, discussões em grupo”.

O guia aponta que o professor deva ler todos os livros do projeto, os livros devem estar dispostos em sala de aula e que seja possível tempo suficiente para que os alunos leiam as obras.

Jamison e Scogin (1995) realizou um estudo com pessoas que possuem depressão. Cerca de 80 pessoas com idade média de 40 anos participaram do estudo. A terapia foi realizada através de livros de auto-ajuda que abordavam o problema da depressão com o mínimo de pesquisas estatísticas. O livro abordado instruiu o leitor a identificar problemas, interpretá-los e assim, solucioná-los. Após a leitura do livro, a biblioterapeuta realizou entrevistas para analisar as emoções dos participantes. Com a biblioterapia, os participantes apresentaram diminuições significativas nos níveis de depressão. Assim, o tratamento para a depressão foi eficaz e contribuiu para a redução dos sintomas de depressão.

Cook e Earles-Vollrath (2006), escreveram um artigo que aborda a biblioterapia para o desenvolvimento pessoal com crianças do primário. Com a biblioterapia, as crianças podem se identificar com os personagens da literatura e

desenhos animados. O artigo salienta a importância do papel do bibliotecário na apresentação da biblioterapia juntamente com o professor e diretor do ambiente escolar. Os autores apresentaram etapas fundamentais para aplicar a biblioterapia. São elas: Identificar o problema, situação, comportamento ou habilidade para ser adquirido; seleção de literatura adequada ao perfil dos participantes; apresentação da literatura e acompanhamento da leitura e discussão do que foi abordado. Afirma Cook e Earles-Vollrath (2006, p. 95) “a biblioterapia é uma ferramenta que os professores, bibliotecários e conselheiros escolares podem usar para atender as necessidades consideráveis de alunos com e sem deficiência, particularmente aqueles com a aprendizagem e problemas de comportamento e de cultura e linguisticamente de diversas origens”.

Harper (2009) realizou um projeto de biblioterapia que envolveu 182 crianças de 06 a 13 anos. Esse projeto teve por característica a aplicação em crianças com distúrbios emocionais e comportamentais. A autora realizou uma coleta de dados quantitativa e qualitativa. Com a realização de entrevista, a autora percebeu que com a aplicação de livros, as crianças se identificaram com os personagens. Esse projeto foi importante para as crianças, pois a leitura contribuiu para a compreensão dos problemas e ajudou a enfrentar situações rotineiras. Essa prática revelou que a experiência dos estudantes com a biblioterapia foi possível se identificar com os personagens e oportunidades para a livre expressão emocional.

Jeffcoat e Hayes (2011) realizaram uma pesquisa com diversas pessoas, a partir dos 18 anos, para identificar o grau de estresse e depressão e aplicar a biblioterapia como forma de amenizar os problemas emocionais causados devido a sua rotina diária. Essa pesquisa foi realizada em 236 escolas e teve um alto grau de interesse pelo programa, duas vezes acima do esperado. A maioria dos pesquisados eram do sexo feminino. Vários cargos foram contemplados, como: administradores, conselheiros, psicólogos, analistas de comportamento, bibliotecários, curadores, enfermeiros, professores, técnicos e especialistas. O tratamento foi através da leitura de livros. Cada participante teve 08 semanas para realizar a leitura e preencher seis questionários referentes ao material lido. Após a leitura, os participantes receberam uma avaliação e acompanhamento de 10 semanas para entender a extensão da sua leitura e o uso do livro. Os questionários aplicados tiveram como objetivo avaliar os problemas específicos de cada participante. A

aplicação da biblioterapia nesse grupo teve resultados positivos, pois melhoraram a saúde mental e permitiu o controle do estresse e depressão.

Mintz, Balzer, Zhao, et. all (2012), realizaram um estudo exploratório com 26 mulheres casadas que possuem baixo desejo sexual, com uma faixa etária de 28 a 57 anos, com diferentes nacionalidades e religiões. Esse estudo foi realizado em 7 semanas. Foi utilizado o material de leitura livro como objeto para o estudo com as participantes. Como resultado, as mulheres que leram o livro tiveram melhoras referente ao desejo sexual. O livro utilizado para o estudo é voltado especificamente para mulheres com baixo desejo sexual. O tema do estudo teve resultados positivos, pois as mulheres refletiram sobre o próprio desejo sexual e isso proporcionou uma ajuda a elas e contribuiu para o controle e emoções referente ao desejo sexual.

Esses projetos apresentaram a Biblioterapia Norte Americana. As experiências relatadas demonstram como a prática biblioterapêutica possui resultados positivos e como a leitura é fundamental para concluí-las. Por fim, apresentar esses projetos foi de grande importância para conhecer a Biblioterapia Norte Americana.

8 A PRÁTICA DA BIBLIOTERAPIA BRASILEIRA E NORTE AMERICANA: ANÁLISE COMPARATIVA

Ao apresentar os projetos de biblioterapia, pode-se perceber os benefícios por ela adquirido, como controle das emoções, alegria e a melhora de comportamento, dentre outros.

Os brasileiros biblioterapeutas utilizaram juntamente com a leitura atividades lúdicas, como contação de histórias, filme, desenhos, teatro, dança, um acervo variado para complementar o papel da leitura. Com esse trabalho, os resultados obtidos foram satisfatórios, pois permitiram a abertura de um mundo desconhecido, a leitura, pelos usuários/pacientes que fizeram parte desses projetos.

A biblioterapia brasileira é diversificada, pois atravessa fronteiras, não utiliza somente os livros como forma de tratamento. Isso demonstra criatividade e capacidade de lidar com diferentes pessoas e com diferentes problemas, quer sejam crianças, jovens, adultos e idosos. Uma terapia que atende todas essas pessoas que estejam passando por dificuldades relacionadas com a dia-a-dia, saúde física e/ou psicológica e problemas emocionais e/ou comportamentais.

A biblioterapia norte americana está relacionada com aspectos psiquiátricos, com termos relacionados à mente humana, buscando formas de tratamentos e resultados específicos. Os grupos de tratamento são escolhidos em locais pré determinados e com pacientes/usuários com perfis que são relacionados a casos mais problemáticos e relacionados a psiquiatria e psicologia.

Na prática Norte Americana, o material de leitura utilizado nos projetos se baseiam somente no livro e buscam histórias específicas que estão relacionadas ao problema em questão. Diferentemente da aplicação brasileira, os norte americanos realizam o tratamento durante um longo período e realizam questionários ao durante esse tempo, até chegar a um grupo específico. Percebe-se que os biblioterapeutas norte americanos realizam muitos guias de como aplicar a biblioterapia com grupos específicos e que poucos projetos são aplicados.

Os dois países utilizam o livro para realizar o terapia e o acompanhamento realizado com os pacientes/leitores é realizado até o término da leitura. Ao realizar a biblioterapia os dois países, utilizam a revisão de literatura referente a Biblioterapia para realizar os projetos biblioterapêuticos.

As diferenças encontradas em projetos desses dois países são notáveis. Os brasileiros aplicam muitos projetos e utilizam o livro e outras atividades para a complementação do tratamento, buscando atingir a todos os públicos. Há também muitos bibliotecários nas participações da terapia. Os norte americanos utilizam somente o livro, questionários e entrevistas para a aplicação da biblioterapia, e buscam públicos definidos, relacionados com problemas mais profundos e específicos. É notável a presença de psiquiatras e psicólogos na aplicação dos projetos e não foram mencionados bibliotecários em nenhum dos projetos apresentados. Outra diferença encontrada é na forma de acompanhamento dos pacientes/leitores participantes dos programas. O biblioterapeuta brasileiro mantém contato pessoal todo o período de tratamento e os norte americanos, realizam contatos pessoais durante os encontros e contato através de telefones.

Através da disposição dos projetos brasileiros e norte americanos, foi possível apresentar as diferenças. Devido a isso, não se deve dizer que a prática brasileira é melhor que a norte americana e vice-versa, pois cada uma possui sua particularidade. É claro que é possível inserir novas idéias para a biblioterapia, pois assim, ela terá resultados cada vez mais positivos. Utilizando a criatividade brasileira e inserindo atividades lúdicas é possível que os norte americanos aprendam novas formas de adquirir a atenção do público e garantir sempre os resultados satisfatórios. Os brasileiros poderiam se especializar na prática biblioterapêutica, semelhante aos norte americanos e buscar contatos com os pacientes/leitores de outras formas, além da forma física para tomar conhecimento de situações do dia a dia.

9 CONCLUSÃO

Diante de todo o trabalho realizado até o momento, percebe-se que a biblioterapia é um assunto de grande importância para a sociedade, pois ela encontra-se sempre em mudança devido a fatores como trabalho, estresse, doenças físicas e psicológicas. E através dessa forma de terapia, é possível controlar as emoções.

Esse campo foi bem encaminhado durante um longo tempo e seu termo sofreu com discussões e mudanças durante um longo período. Porém, a literatura foi crescendo e se tornando de grande valia. Dessa forma, surgiram diversos estudiosos (Bryan, Twelfort, Orsini, Caldin, Seitz, entre outros) que contribuíram para o aumento de artigos e projetos que envolvem o universo da biblioterapia.

Sem a leitura, a terapia não seria possível, pois esse é o instrumento principal que permeia a biblioterapia. A leitura também sofreu um processo de adaptação e mudança ao longo do tempo, até chegar ao período de fácil acesso e aprendizado. O processo de leitura e aprendizado foi apresentado na Europa, Inglaterra e França, de duas formas: a intensiva e extensiva. A intensiva era apresentada de forma oral. Logo após surgiu a extensiva, de maneira silenciosa.

É importante conhecer a história da leitura e conhecer todo seu processo de adaptação e mudança durante os marcos da história internacional e o seu papel no Brasil, que foi precária e atrasada em relação aos países europeus. O Brasil sofreu com o aparecimento tardio da imprensa, analfabetismo, escravidão e educação precária, fatores que influenciaram na leitura.

Com a leitura como instrumento da biblioterapia, o processo garante diversos benefícios físicos e mentais, pois o paciente/leitor consegue controlar suas emoções e melhorar sua vida. A biblioterapia não traz a cura e sim um caminho para a resolução de problemas que afligem as pessoas.

Os projetos apresentados demonstraram as diversas aplicações da biblioterapia e seus diversos públicos. O Brasil apresentou bibliotecários e psicólogos em diversas regiões do país com seus programas e resultados satisfatórios. Os norte americanos apresentaram psicólogos e psiquiatras e seus projetos de leitura que tiveram resultados positivos.

Para a prática da biblioterapia continuar em crescimento no Brasil, seria necessário um conhecimento maior por parte dos bibliotecários e competências na

área de psicologia. Uma proposta interessante para os estudantes de biblioteconomia é a criação da disciplina Biblioterapia no quadro do curso de Biblioteconomia. Dessa forma, os estudantes poderiam ser apresentados ao tema e aprender conceitos, tomar conhecimento de projetos já realizados e sua história. Com a apresentação do curso de biblioterapia, será possível o aumento de biblioterapeutas e também o crescimento de projetos em todas as regiões do país. Assim, muitas pessoas seriam beneficiadas com esse projeto e a biblioterapia se tornaria uma referência positiva para o tratamento de diversos problemas que atingem a população.

Enfim, ao longo desse trabalho, foi possível conhecer a importância da leitura na vida das pessoas e seu longo caminho até os dias atuais, no qual é possível que os leitores se tornem leitores ou leitores com a grande ascendência do mercado editorial. Não menos importante é a biblioterapia, que busca estratégias de leitura para realizar tratamentos que possam contribuir para a melhora das emoções de seus pacientes e com isso garantir resultados satisfatórios para o controle de suas vidas.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Daniela Alves. **Biblioterapia para alunos com necessidades educacionais especiais na APAE de Capitólio-MG: aplicabilidade e resultados.** Monografia apresentada ao Centro Universitário de Formiga UNIFOR_MG, 2008.

BUENO, Silvana Beatriz. CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 157-170, 2002. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/372/446>> Acesso em: 13 de abril 2012.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v.6, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/36/5200>> Acesso em: 20 out. 2011.

_____ Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do curso de biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblios Revista Electrónica de Bibliotecología, Archivología y Museología**, Peru, v. 6, n. 21, p. 13-25, 2005. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/161/16102202.pdf>> Acesso em: 25 abril 2012.

_____ **Leitura e terapia.** Tese de Doutorado apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CARVALHO, Lafaiete. BLATTMANN, Úrsula. BERNARDES, Lúcia. FRAGOSO, Graça. A leitura na sociedade do conhecimento. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 19-27, 2006. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/459/576>> Acesso em: 25 de abril 2012.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. Reconfiguração do mercado editorial brasileiro de livros didáticos no início do século XXI: história das principais editoras e suas práticas comerciais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 281-312, 2005.

CASTRO, Rachel. PINHEIRO, Edna. Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa. **Biblionline**, v. 1, n. 2, 2005.

CERVO, Amado L. BERVIAN, Pedro A. SILVA, Roberto da. **Metodologia científica.** Pearson: São Paulo, 2007.

CHARTIER, Roger, **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

COOK, Katherine. EARLES-VOLLRATH, Theresa. GANZ, Jennifer. **Bibliotherapy. Intervention in School and Clinic**, California, v. 42, n. 2, p. 91-100, 2006.

ECHER, Isabel Cristina. A revisão de literatura na construção do trabalho científico. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 5-20, 2001.

Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4365/2324>> Acesso em: 30 de abril 2012.

ELLIOT, Ariluci. BERNARDINO, Maria Cleide. NETO, Modesto. ANDRADE, Fabiana. SILVA, Ticiane. **A leitura é o melhor remédio: a biblioterapia com crianças portadora de câncer**. XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Macéio- AL, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 7. ed. Curitiba - PR: Positivo, 2008.

FERREIRA, Danielle Thiago. **Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal**. Educação Temática Digital, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47, 2003. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1809/1651>> Acesso em: 03 de abril 2012.

FONSECA, Tânia de Fátima Gontijo. RODRIGUES, Isadora Ferreira. BORGES, Sanny Catteriny Gregório. Manhã de leitura afetuosa: um programa biblioterápico com crianças com o perfil do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) em Escola Municipal de Formiga – MG. **Conexão**, Formiga, v. 7, n. 2, p. 74-87, 2012.

FONTELE, Maria de Fátima. PINTO, Virginia Bentes. ANDRADE, Francisco José Medeiros de. et. al. **A Biblioterapia no tratamento do câncer infantil**. Projeto de Pesquisa Dio Curso de Biblioteconomia e Psicologia da UFC: Fortaleza, março de 1994 a dezembro de 1995.

FRASIER, Mary. MCCANNON, Carolyn. Using Bibliotherapy with gifted children. **Gifted Child Quarterly**, Georgia, v. 25, n. 2, p. 81-85, 1981.

GOULARTE, Lisandra Fagundes. **O uso da biblioterapia em sala de aula.** Monografia apresentada à Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC. Florianópolis, 2008.

HARPER, Elaine. **Bibliotherapy intervention exposure and level of emotional awareness among students with emotional and behavioral disorders.** Dissertation submitted to Cleveland State University, Cleveland, 2010.

JAMISON, Christine. SCOGIN, Forrest. The outcome of cognitive bibliotherapy with depressed adults. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, Washington, v. 63, n. 4, p. 644-650, 1995.

JEFFCOAT, Tami. HAYES, Steven. A randomized trial of ACT bibliotherapy on the mental health of K-12 teachers and staff. **Behaviour Research and Therapy**, New York, v. 50, n. 1, p. 571-579, 2012.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** 3.ed. São Paulo: Ática, 2009.

LOPES, Rosane. **Biblioterapia:** um estudo de caso da prática de leitura realizada com pessoas com necessidades psicossociais. Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

MANGUEL, Alberto; SOARES, Pedro Maia. **Uma história da leitura.** Sao Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MARTINS, Rosane Magaly. HAGEN, Suleica Iara. **Ame suas rugas:** aproveite o momento. Santa Catarina: Odorizzi, 2007.

MINTZ, Laurie. BALZER, Alexandra. ZHAO, Xiting. BUSH, Hannah. Bibliotherapy for low sexual desire: evidence for effectiveness. **Journal of Counseling Psychology**, Washington, v. 59, n. 3, p. 471-478, 2012.

MORENO, Regina Lúcia Ribeiro. et. al. Contar histórias para crianças hospitalizadas: relato de uma estratégia de humanização. **Pediatria**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 164-169, 2003.

OLIVEIRA, Ageísa. SAMPAIO, Ariely. VIEIRA, Brenno. et. al. **O biblioterapeuta: a nova atuação do profissional bibliotecário**. XIV Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da Informação. São Luís – MA, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Dia da saúde mental. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/news/notes/2012/mental_health_day_20121009/en/index.html> Acesso em : 10 de outubro 2012.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Edições Loyola: São Paulo, 1996. 344 p. Disponível em: < http://books.google.com.br/books?id=sdDjPKEPetsC&printsec=frontcover&dq=biblioterapia&hl=pt-BR&sa=X&ei=USmPT40rI_RAbfBxK8P&ved=0CDIQ6AEwAA#v=onepage&q=biblioterapia&f=false> Acesso em: 20 out. 2011.

PAIVA, Lúcelia Elizabeth. **Biblioterapia**. Disponível em: <<http://www.luceliapaiva.psc.br/BIBLIOTERAPIA.html>> Acesso em: 20 out. 2011.

PEREIRA, Aline. FREITAS, Carla. MENDONÇA, Cristiane. et. al. Envelhecimento, estresse e sociedade: uma visão psiconeuroendocrinológica. **Ciências e Cognição**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 34-53, 2004.

PEREIRA, Marília M. Guedes. **Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em Bibliotecas Públicas**. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

PERROTTI, Edmir. Leitores, leitores e outros afins (apontamentos sobre a formação do leitor. In: _____. PRADO, Jason. CONDINI, Paulo (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro, Argus, 1999.

PINHEIRO, Edna Gomes. Biblioterapia para o idoso Projeto Renascer: um relato de experiência. **Informação e Sociedade**, Paraíba, v. 8, n. 1, 1998.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, 2005.

PIRES, Cristiane de Castro. SILVA, Diener Mory Rodrigues. **A biblioteca e a biblioterapia no tratamento dos pacientes da Associação Brasileira de Assistência as Pessoas com Câncer – ABRAPEC**. Monografia apresentada à Universidade de Brasília, 2009.

PRATICAS da leitura. Roger Chartier. 2.ed. -. Sao Paulo: Estação Liberdade, 2001.

RIBEIRO, Gizele. Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. **Rev. Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 112-126, 2006. Disponível em: <http://143.106.108.14/seer/ojs/index.php/sbu_rci/article/viewFile/318/198> Acesso em: 24 de abril 2012.

ROSA, Aparecida Luciene Resende. **As cartas de Ana Cristina César: uma contribuição para a biblioterapia.** Dissertação apresentada à Universidade do Vale do Rio Verde UNINCOR. Minas Gerais, 2006. Disponível em: <<http://www.unincor.br/pos/cursos/MestreLetras/arquivos/dissertacoes/APARECIDA%20LUCIENE%20RESENDE%20ROSA.pdf>> Acesso em: 14 abr. 2012.

ROSSI, Tatiana. ROSSI, Luciene. SOUZA, Maria. Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 322-340, 2007.

SEITZ, Eva Maria. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 155-170, 2006.

SILVA, Alexandre Magno da. **Características da produção documental sobre Biblioterapia no Brasil.** Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

SHRODES, Caroline. **Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study.** 1949. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) – University of California, Berkel.

TEIXEIRA, Patrícia Redel Nunes. **O papel da contação de histórias como biblioterapia: a experiência do projeto histórias na creche do núcleo da hora do conto – Fabico/UFRGS na creche da Instituição Amigo Germano.** Monografia apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS. Porto Alegre, 2004.